



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA  
TERAPIA OCUPACIONAL

FABIANA RIBEIRO VIEIRA

**A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) COMO RECURSO  
TERAPÊUTICO NA CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL**

BRASÍLIA

2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CEILÂNDIA

TERAPIA OCUPACIONAL

FABIANA RIBEIRO VIEIRA

**A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) COMO RECURSO  
TERAPÊUTICO NA CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília – Faculdade de  
Ceilândia como requisito parcial para obtenção  
de grau de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador : Prof. (a) Ms. Nazareth Malcher

BRASÍLIA

2013

Fabiana Ribeiro Vieira

**A TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS (TAA) COMO RECURSO  
TERAPÊUTICO NA CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade de Brasília – Faculdade de  
Ceilândia como requisito parcial para obtenção  
de grau de bacharel em Terapia Ocupacional.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria de Nazareth Rodrigues Malcher de Oliveira Silva  
Instituição: FCE/UnB

---

Ms. Ana Cláudia Reis de Magalhães  
Instituição: SES/DF

---

Prof<sup>ª</sup>. Mchilanny Bussinguer de Menezes  
Instituição: FCE/UnB

BRASÍLIA

2013

Dedico este trabalho à Frida, minha pequena companheira e grande inspiradora; e a todos os bichos que passaram e passarão em minha vida, deixando suas marcas e lições de afeto, lealdade e amor.

## AGRADECIMENTOS

Primeiro a Deus, por me conceder a vida e me dar forças para que eu nunca desista dos meus ideais.

À minha mãe Didi e ao meu pai João, por me amarem incondicionalmente e proporcionarem oportunidades únicas em minha vida, às quais pude me apoiar e estar aqui hoje. Ao meu irmão Felipe, pelo companheirismo e pela curiosidade acerca desse trabalho, que de certa forma me incentivou a sempre continuar.

A todos os parentes e familiares, pelo incentivo e por sempre estarem presentes nos momentos de vitória.

Àquele que em breve compartilhará mais ainda os meus dias (e espero que para sempre) meu amor Pedro Henrique, pelo cuidado e carinho de sempre, paciência e incentivo.

Às amigas que conquistei durante a graduação, e que foram fundamentais durante esses anos, por dividirem as mesmas histórias, angústias e felicidades, pelos momentos de estudo, ajuda mútua e, sobretudo, os momentos de alegria. Obrigada em especial à Fernanda, Larissa e Natacha, espero que a amizade ultrapasse a vida acadêmica e se faça presente por toda vida.

Agradeço a minha orientadora Nazareth, por acreditar desde o início neste trabalho, pela compreensão, paciência e motivação, sobretudo nos momentos de desespero.

Aos membros da banca, Ana Cláudia Reis de Magalhães, que foi uma das minhas precursoras de estágio e que durante esse período acreditou no meu trabalho, me motivando a crescer profissionalmente. À Mchilanny Bussinguer, por ter aceitado meu convite e fazer parte desse momento final de graduação.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indiretamente puderam contribuir para a realização do meu trabalho, e que confiam e torcem pelo meu sucesso enquanto pessoa e futura terapeuta ocupacional.

## RESUMO

VIEIRA, F. R. **A Terapia Assistida por Animais (TAA) como Recurso Terapêutico na Clínica da Terapia Ocupacional**. 2013. 56f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

Este trabalho pretende compreender, através do estudo da literatura, como o animal pode se configurar como um recurso inserido em intervenções terapêuticas, sobretudo na prática clínica da Terapia Ocupacional. A relação do homem com o animal sempre existiu historicamente e estudos mostram que ao longo do tempo essa inter-relação foi crescendo e conferindo diferentes possibilidades que esses seres podem proporcionar. Notou-se ainda, a importância dos animais na socialização e mudança de comportamento humano. Uma dessas possibilidades é a utilização do animal em modalidades terapêuticas, sendo possível a realização de tratamentos nos aspectos físico, cognitivo, emocional e social. A técnica que adota o animal como um facilitador dentro de um processo terapêutico é denominada Terapia Assistida por Animais (TAA). A TAA proporciona diversas formas de estímulo, e por isso, pode ser passível de inserção como recurso terapêutico na clínica da Terapia Ocupacional. Sendo assim, o objetivo desse estudo é discutir a TAA como uma técnica da prática clínica em saúde levantando as possibilidades de inserção no contexto clínico da Terapia Ocupacional. Para tanto, buscou-se ampliar e evidenciar o trabalho terapêutico com animais por meio de revisão bibliográfica através de pesquisa exploratória de métodos mistos, sendo que a análise do estudo foi realizada através de planilhas e gráficos, corroborados com estudo descritivo sobre o perfil bibliométrico da pesquisa e considerações acerca da intervenção com o auxílio do animal. Através dos resultados da pesquisa afirma-se que a relação homem e animal, apresentada neste trabalho através da TAA é aplicada como um recurso terapêutico da prática clínica da Terapia Ocupacional e proporciona benefícios em diferentes contextos do indivíduo. Desta forma, a análise desse tema se apresenta sob uma perspectiva diferente, contribuindo com os estudos acadêmicos da profissão, por intermédio de novas considerações.

**Palavras-chave:** Terapia Assistida por Animais, Terapia Ocupacional e animal, recurso terapêutico.

## ABSTRACT

VIEIRA, F.R. **The Animal Assisted Therapy (AAT) as a Therapeutic Resource in the Occupational Therapy Clinic.**In 2013. 56f. Monograph (Graduation) - Ceilandia Campus, University of Brasilia, Brasilia, 2013.

This work aims to understand, through the study of literature, how the animal can be configured as an inserted resource in therapeutic interventions, especially in occupational therapy practice. The relationship between man and animal has always existed and studies show that over time this interrelation grew and gave different possibilities for what those beings can provide. It was also noted the importance of animals in socialization and in human behavior change. One possibility is the use of animals in therapeutic modalities. It is possible to carry out treatments in physical, cognitive, emotional and social aspects. The technique that adopts animals as facilitators within a therapeutic process is called Animal Assisted Therapy (AAT). AAT provides various forms of stimulation and therefore may be used as a therapeutic resource in the Occupational Therapy clinic. Thus, the aim of this study is to discuss AAT as a technique of clinical practice in health care raising possibilities of inserting it in clinical context of Occupational Therapy. Therefore, we sought to expand and evince the therapeutic work with animals through literature review using exploratory research mixed methods. The study analysis was performed using spreadsheets and graphs, descriptive study corroborated with the bibliometric profile of the research and considerations about intervention with animal help. The results of this research states that the relationship between man and animal, presented here through AAT, and applied as a therapeutic resource of clinical practice of Occupational Therapy provides benefits in different contexts of the individual. The analysis of this topic is presented from a different perspective, contributing to the academic studies of the profession using new considerations.

**Keywords:** animal assisted therapy, Occupational Therapy and animal, therapeutic resource.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Linha Cronológica: processo histórico do animal como recurso na saúde..	15
Gráfico 2 – Tipo de material prevalente.....	37
Gráfico 3 – Natureza de pesquisa dos estudos.....	38
Gráfico 4 – Instrumentos metodológicos.....	39
Gráfico 5 – Análise dos dados.....	39
Gráfico 6 – Área do estudo.....	40
Gráfico 7 – Ano de publicação.....	41
Gráfico 8 – Origem das publicações.....	41
Gráfico 9 – Perfil amostral.....	43
Gráfico 10 – Tipos de intervenções utilizando a TAA.....	45
Gráfico 11 – Efeitos apresentados com o uso da TAA.....	46
Esquema 1 – Denominações utilizadas para TAA.....	16
Esquema 2 – Definição dos termos utilizados.....	17
Esquema 3 – Critérios da profissão.....	27
Figura 1 – Tipo de Animal.....	42
Quadro 1 – Benefícios proporcionados pela TAA.....	20



## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

AAA – Atividade Assistida por Animais

ANDE - Associação Nacional de Equoterapia

AOTA - American Occupational Therapy Association

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina

COFFITO - Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional

CPN – Centro Psiquiátrico Nacional

DNA - Ácido Desoxirribonucleico

HIV - Human Immunodeficiency Virus

TAA – Terapia Assistida por Animais

TO – Terapia Ocupacional

WFOT – World Federation of Occupational Therapists

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. O ANIMAL E SUA RELAÇÃO COM O HOMEM.....	13
2. CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL E O RECURSO TERAPÊUTICO.....	25
3. HOMENAGEANDO NISE DA SILVEIRA .....	30
4. METODOLOGIA.....	34
5. CONHECENDO O CAMPO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS.....	37
5.1 Caracterizando o Universo Metodológico.....	37
5.2 Narrando sobre a “Terapêutica Animal” .....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6.1 Reflexões pessoais sobre o “ser animal” .....	48
6.2 O animal como recurso terapêutico.....	49
7.REFERÊNCIAS.....	53

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta como ideia principal conhecer e dissertar sobre a utilização do animal como possível recurso terapêutico na prática clínica da Terapia Ocupacional. Para isso, buscou-se identificar toda a trajetória percorrida até que se chegasse a essa modalidade terapêutica.

Os animais sempre estiveram presentes na vida do homem, seja como auxílio no trabalho, meio de transporte ou companhia, sendo também retratados historicamente como seres poderosos e de evolução espiritual. Além de sustentar as necessidades humanas, percebeu-se um vínculo afetivo entre as espécies, o que permitiu uma inter-relação (homem e animal) que perdura há séculos e tem se espalhado por todo o mundo recolhendo infinitas possibilidades que esses seres podem proporcionar, sobretudo, benefícios.

A técnica que utiliza o animal a partir de uma proposta terapêutica é reconhecida e denominada pela ciência como Terapia Assistida por Animais (TAA) e foi pesquisada neste trabalho com o intuito de observar as similaridades com o recurso terapêutico ocupacional, levantando a possibilidade de introdução da técnica na clínica da profissão.

A escolha por estudar os animais, especialmente seu universo terapêutico, partiu primeiramente de um interesse pessoal que surgiu através da convivência e vida cotidiana com esses seres e os benefícios vivenciados por esta relação. O segundo motivo foi aprofundar e dar ênfase ao tema correlacionando à área da Terapia Ocupacional, pois a TAA é um assunto pouco difundido no Brasil, e desta forma, ampliam-se os estudos e confere relevância a um possível recurso terapêutico diferenciado e inovador dentro do campo de atuação da Terapia Ocupacional. Sendo assim, este trabalho permite ao leitor refletir sobre as potencialidades dos animais enquanto facilitadores dentro do processo terapêutico.

Com base nas questões citadas, resume-se o objetivo deste estudo em pesquisar a TAA correlacionando com a possibilidade de inserção dessa prática no contexto clínico da Terapia Ocupacional, ampliando possíveis atuações no campo e promovendo maior discussão em torno da TAA no meio acadêmico, principalmente no cenário científico da Terapia Ocupacional.

O desenvolvimento do trabalho está organizado, nos capítulos que se seguem, de forma que se compreenda todo o processo histórico que culminou na inserção do animal na área da saúde, perpassando sobre conceitos da Terapia Ocupacional, sobretudo recursos terapêuticos, a fim de que se estabeleça posteriormente a relação da TAA como uma possibilidade de recurso terapêutico ocupacional.

No primeiro capítulo é apresentada uma cronologia que permite ao leitor conhecer a história da relação do homem com o animal até que se chegasse o surgimento da técnica (TAA) também exposta e detalhada neste capítulo.

No segundo capítulo, discute-se o conceito de recursos terapêuticos na Terapia Ocupacional. Este capítulo se faz importante no que diz respeito à fundamentação e resposta da hipótese do trabalho.

Posteriormente, no terceiro capítulo é considerado um capítulo especial, pois trata de uma homenagem à precursora da TAA e da Terapia Ocupacional no Brasil, a psiquiatra Nise da Silveira. Este capítulo aborda sua biografia, alguns trabalhos realizados e especialmente a trajetória durante o belíssimo trabalho com os animais e seus pacientes.

No quarto capítulo são apresentadas as considerações sobre o método usado no estudo, discorrendo sobre o referencial teórico pesquisado, os procedimentos de estratégias e etapas da pesquisa.

O quinto capítulo, são apresentados os resultados e discussão a partir da literatura acerca do tema, sendo que os dados encontrados estão dispostos na forma de ilustrações e gráficos com discussão descritiva.

No último capítulo são apresentadas as considerações finais, através de reflexões a respeito do que foi proposto, ou seja, a identificação da TAA como um recurso terapêutico aplicado à clínica da Terapia Ocupacional.

Dessa forma, este estudo não se apresenta somente como uma reprodução do que já foi dito ou escrito sobre o assunto, mas proporciona a inovação da discussão desta temática e a análise do tema sob uma perspectiva diferenciada, trazendo considerações que contribuem com os estudos acadêmicos da Terapia Ocupacional.

## 1. O ANIMAL E SUA RELAÇÃO COM O HOMEM

*[...] O que me fascina no animal? Meu ódio por certos animais é nutrido por meu fascínio por muitos animais. Se tento me dizer, vagamente, o que me toca em um animal, a primeira coisa é que todo animal tem um mundo. É curioso, pois muita gente, muitos humanos não têm mundo. Vivem a vida de todo mundo, ou seja, de qualquer um, de qualquer coisa, os animais têm mundos. Um mundo animal, às vezes, é extraordinariamente restrito e é isso que emociona. Os animais reagem a muito pouca coisa. Há toda espécie de coisas...(Deleuze, 2001).*

O animal sempre participou do desenvolvimento do homem nos processos históricos e este contexto é apresentado no gráfico 1 e descrito ao longo deste capítulo através dos diversos autores.

Em várias culturas, os animais foram representados como seres supremos e poderosos, destacando a importância dos mesmos para o homem. Davis e Valla (1978) contam que um túmulo em Israel, de 12 mil anos, foi encontrado com o corpo de uma mulher e um cão, evidenciando que o cão passou a ocupar diferentes significados e funções para o ser humano. Nas mais remotas civilizações há registros históricos retratados por meio de símbolos e desenhos, que identificam o elo com os animais por meio da representação da afetividade e seus relacionamentos.

Capote (2011), conta como o cavalo, introduzido pelos nômades da Eurásia durante a Idade do Bronze e do Ferro, contribuiu como meio de transporte antes da invenção da máquina a vapor; fala também da inserção dos felinos, provavelmente no período neolítico, para controlar a população de ratos que atacava as plantações de cereais do Oriente Médio, Chipre e Egito Antigo, e dos cães guardadores de rebanhos, cuja fidelidade comoveu o homem ao ponto de proporcionar-lhe um lugar de honra entre os membros de sua própria família.

Na cultura ocidental atual há relatos desde o século XVII sobre a importância dos animais na socialização e mudança do comportamento do homem. Inicialmente o homem trouxe os animais das fazendas para os seus quintais, e algum tempo depois trouxe para dentro de suas casas (DOTTI, 2005).

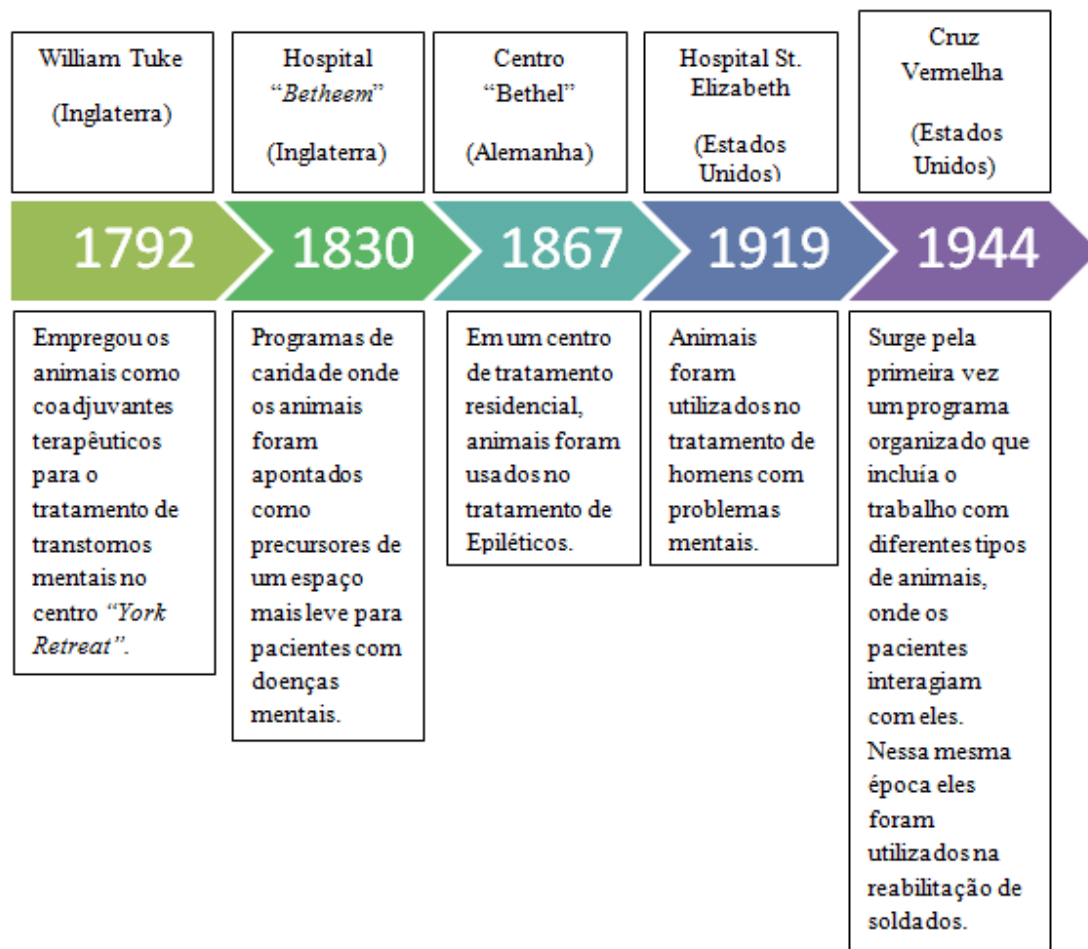
Há muitas especulações sobre a real origem da domesticação dos animais, e de acordo com inúmeras pesquisas já reconhecidas por todo o mundo, os cães foram os primeiros animais a serem domesticados. De acordo com Sheldrake (2000), os cães são descendentes dos lobos e sua domesticação ocorreu entre 10 mil e 20 mil anos atrás, porém, alguns estudos de DNA afirmam que a descendência dos cães se deu há mais de 100 mil anos. No Egito Antigo há registros de cães de diferentes raças. Os cavalos também aparecem no Egito por volta de 1500 a.C., mas há registro de domesticação de aproximadamente 5 mil anos.

Embora os documentos datem que há muitos anos os animais estão presentes na vida do homem, sendo também venerados como seres sagrados e adorados como deuses, até hoje, eles exercem diferentes funções culturais. Há lugares onde o utilizam como alimento, outros nos quais eles não são bem vistos e mantidos longe, aqueles onde são usados para a caça, transporte, companhia, entre outros. A partir da domesticação e interação entre o homem e o animal foi possível também obter efeitos benéficos relacionados à saúde do homem.

De acordo com Dotti (2005), há registros no século IX a. C., nos quais Hommer escreveu sobre Asklepios, o deus grego da saúde. Asklepios tinha o poder divino que era estendido a cães sagrados. Acreditava-se que uma pessoa cega poderia voltar a enxergar imediatamente depois de ter sido lambida por um cão sagrado. Na Idade Média também havia a crença de que, se uma pessoa pudesse ficar louca, ela deveria então, carregar um cão como amuleto para se prevenir desse acontecimento,

Os registros de tratamentos terapêuticos que se utilizavam dos animais aparecem de forma espaçada ao longo do tempo, e inicialmente se davam de forma informal e espontânea, para posteriormente, ganhar organização e reconhecimento.

**Gráfico 1** – Linha Cronológica: processo histórico do animal como recurso na saúde



Fonte: DOTTI, 2005, p. 35

Não houve nenhuma outra referência na literatura até que Levinson descreveu o uso de animais na prática da Psicologia em 1962. Este autor descobriu os efeitos benéficos da terapia com cães. Ele é considerado em toda literatura a respeito do assunto, como o precursor da Terapia Assistida por Animais (TAA) (DOTTI, 2005).

No Brasil, o primeiro registro foi com a Dra. Nise da Silveira, na década de 1950, no hospital psiquiátrico Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro. Antes mesmo de se pensar em reforma à assistência psiquiátrica, Nise já sustentava a possibilidade do sofrimento psíquico ser passível de expressão simbólica. Para isso, criou ateliês de pintura e modelagem, onde animais – em sua maioria gatos e cachorros – circulavam livremente entre os pacientes (CAPOTE, 2011).

Nesse processo de convívio com o animal que surgiu a TAA. Atualmente, esta terapia é uma prática que emprega o animal como parte integrante e principal do

tratamento, com o objetivo de promover o bem-estar e a melhora psíquica, social, cognitiva e física.

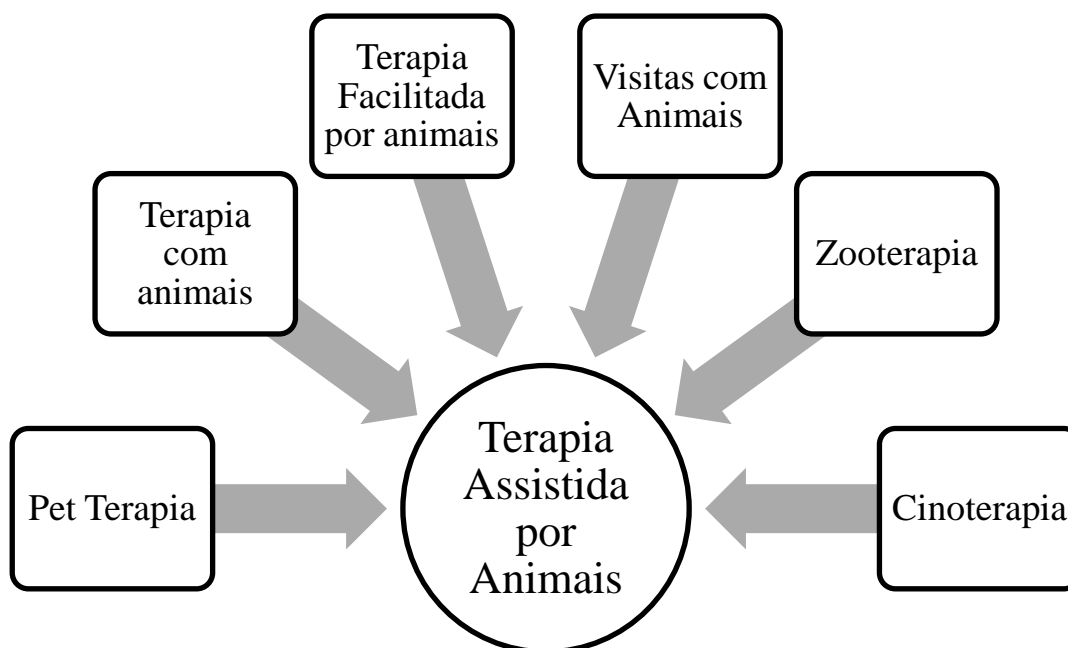
### A Terapia Assistida por Animais

A TAA é uma técnica que, de acordo com a literatura apresenta variadas nomenclaturas na qual dificulta sua abrangência enquanto campo científico (DOTTI, 2005; CAPOTE, 2011; SANTOS, 2006). Neste sentido se faz relevante apresentar as diversas nomenclaturas desta técnica.

Para Dotti (2005) nas décadas de 60, 70 e 80, muitas terminologias foram utilizadas para denominar a realização de atividades com os animais, assim como muitos nomes foram dados à interação do homem com os animais.

Alguns termos antigos que fizeram parte da evolução da técnica são utilizados por profissionais e mídia de forma incorreta. Como mostra o esquema 1, algumas terminologias ainda são aplicadas.

**Esquema 1** – Denominações utilizadas para TAA



Fonte: CAPOTE, 2011; DOTTI, 2005; SANTOS, 2006.

Essa variedade de terminologias apresentadas no esquema 1 sobre a TAA se assemelham, pois utilizam o animal como mediador no cuidado, e todas retratam o uso do animal como processo terapêutico.



As descrições apresentadas nos estudos antigos, que constam em pesquisas, estudos científicos e livros de décadas passadas, limitam e invalidam o próprio conteúdo dos trabalhos onde forem mencionados, visto que estão ultrapassadas. Além disso, termos como esses podem causar confusão como consta no esquema 2.

### Esquema 2 – Definição dos termos utilizados

Pet terapia	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Pode dar a impressão de que é uma terapia para os animais de estimação com problemas comportamentais.</li> </ul>
Zooterapia	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Pode conferir a ideia da utilização de elementos químicos de animais ou insetos, de seus corpos ou parte deles para fins medicinais.</li> </ul>
Cinoterapia	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Refere-se à terapia que utiliza somente os cães como recurso.</li> </ul>

Fonte: DOTTI, 2005

Dotti (2005), retrata complicações sobre os conceitos existentes como apresentado no esquema 2, buscando conflitos da terapia com uso do animal, como ação apenas comportamental, para fins medicinais ou restrito a um animal.

Além disso, para este autor os outros termos também estão em desacordo com os padrões internacionais, criados com base em diversas pesquisas e estudos. A preocupação em padronizar a nomenclatura com o resto do mundo é necessário para conferir credibilidade frente às organizações internacionais e ter a oportunidade de firmar parcerias, convênios e intercâmbio de informações.

Portanto, a partir dessa necessidade em estabelecer um padrão para identificar uma ação que exige profissionalismo e credibilidade, a “Delta Society”, uma organização internacional sem fins lucrativos, criada em 1997, cuja finalidade é fomentar a melhora da saúde do homem, promover a sua independência e melhorar a qualidade de vida utilizando-se do auxílio dos animais, definiu de uma forma objetiva a interação entre homens e animais. Assim, nasceram duas nomenclaturas para designar

este tipo de terapia, e que apesar de ambas incluírem a visitação de animais, há algumas diferenças importantes de serem citadas, descritas a seguir:

- AAA - Atividade Assistida por Animais
- TAA – Terapia Assistida por Animais

Os dois termos são traduzidos do inglês “*Animal Assisted Activity/Therapy*”.

A AAA envolve a visitação, recreação e distração por meio do contato dos animais com as pessoas. Os animais são levados pelos proprietários ou “condutores” às instituições, e lá são desenvolvidas atividades que duram cerca de uma hora e meia por profissionais treinados. Não há um programa oficial, e as visitas podem ser semanalmente ou esporadicamente, sem objetivos claros, sem resultados obtidos a partir de uma análise dos pacientes, seu histórico e seu perfil. De uma forma geral, essas atividades são espontâneas e desenvolvem o início de um relacionamento, propiciam entretenimento e motivação, com o propósito de melhorar a qualidade de vida (DOTTI, 2005).

Já a TAA, para este autor, envolve serviços profissionais da área médica entre outras, que utilizam o animal como parte do trabalho e do tratamento. Esse trabalho tem o acompanhamento do proprietário ou condutor, e obrigatoriamente objetivos claros e dirigidos, com critérios estabelecidos, fazendo do animal parte integrante do tratamento. Este caráter terapêutico é confirmado a seguir:

A TAA é dirigida e desenhada para promover a saúde física, social, emocional e/ou funções cognitivas. É um processo terapêutico formal com procedimentos e metodologia, amplamente documentado, planejado, tabulado, medido e seus resultados avaliados. Todos os progressos são verificados e reavaliados com a finalidade de se atingir objetivos do programa. (DOTTI, 2005, p. 30).

Além disso, o trabalho deve ter controles individualizados por meio de prontuários e relatórios.

Os efeitos nos aspectos físico e mental que os animais exercem sobre o paciente podem ser medidos e possuem resultados precisos, já nos aspectos emocional e social os efeitos são espontâneos, os resultados podem ser gerados apenas pela presença do animal. Os dois enfoques alteram comportamentos por intermédio dos animais, e que para Santos (2006, p.33): “Em nenhum momento a TAA substitui, mas sim complementa as demais modalidades terapêuticas”.

Primeiramente se faz importante afirmar que como ética do cuidado deve se prezar o bem estar físico e mental do paciente, e o mesmo deve ser feito com o animal. Não se deve usá-lo apenas como simples ferramenta do trabalho, mas sim o considerando como ser vivo, com muita sensibilidade. A pessoa responsável pelo animal durante as visitas deve estar atenta às necessidades fisiológicas do animal, assim como seu estresse e cansaço.

Dotti (2005) reafirma esta questão defendendo a utilização desses seres como: “O animal, como o homem, sofre processos, é um ser vivo que está em plena mudança, responde aos estímulos, ao ambiente e às experiências. Acima de tudo, é um ser e não um objeto” (p.33).

Os animais devem sempre ser cuidados por um veterinário ou adestrador, que acompanharão todos os comportamentos do animal, e no caso do Médico Veterinário, é o responsável pela atualização das vacinas e acompanhamento da saúde do animal. Para o profissional da saúde e/ou educacional ficará a responsabilidade pelo paciente, podendo haver uma inter-relação entre todos os participantes, e é ele quem fará o diagnóstico da melhor terapia aplicada ao paciente e decidirá qual será a atividade realizada junto ao animal.

Martins (2004) descreve que a TAA pode atuar em três áreas, sendo elas a área da Saúde, para pessoas com deficiência física, mental ou genética; na área Educacional, para pessoas com necessidades educacionais especiais ou não; e/ou na área Social, para pessoas que sofrem de estresse ou distúrbios comportamentais.

Sendo assim, as visitas podem ser periódicas, e a equipe composta por diferentes profissionais como: fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, pedagogos, psicólogos, psiquiatras, médicos veterinários, adestradores e outros especialistas, de acordo com o trabalho realizado (SANTOS, 2006).

No que compreende o público atendido, o campo é vasto, podendo ser crianças e adolescentes em psicoterapia ou ambientes escolares, idosos institucionalizados, adultos hospitalizados, além de ajudar em patologias cardíacas, Artrites e Osteoporoses, Depressão, Câncer, Autismo, Doença de Alzheimer, Doença de Parkinson, Demências, Acidente Vascular Cerebral, Paralisias, Ansiedade, entre outros. (DOTTI, 2005)

Cabe destacar que a inserção dos animais em instituições é contra indicada para aqueles pacientes que não conseguem de forma alguma, após diferentes tentativas da equipe, aceitar o animal, podendo reagir de forma agressiva e denegrir a saúde do animal. Também não é indicado àqueles pacientes com problemas respiratórios e alergia à proteína que existe na saliva do gato, ou em decorrência da pelagem que se solta.

Ainda de acordo com esse autor, os benefícios proporcionados pela TAA são inúmeros e se estendem a todos os públicos. Alguns desses benefícios estão descritos a seguir:

### Quadro 1 – Benefícios proporcionados pela TAA

Benefícios Físicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estabilização da pressão arterial;</li> <li>• Afastamento do estado de dor;</li> <li>• Encorajamento das funções da fala e funções físicas;</li> <li>• Melhora da amplitude de movimento, força, resistência, equilíbrio e coordenação motora.</li> </ul>
Benefícios Mentais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estímulo à memória e atenção;</li> <li>• Melhora cognitiva;</li> <li>• Desenvolve questões de responsabilidade.</li> </ul>
Benefícios Emocionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentimento de amor incondicional;</li> <li>• Espontaneidade das emoções;</li> <li>• Redução da solidão;</li> <li>• Diminuição da ansiedade, estresse e sintomas depressivos;</li> <li>• Aumento da autoestima, autoconfiança e motivação.</li> </ul>
Benefícios Sociais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alívio do ócio cotidiano;</li> <li>• Oportunidade de comunicação;</li> <li>• Troca de informações;</li> <li>• Socialização;</li> <li>• Interação com outros membros.</li> </ul>

Fonte: DOTTI, 2005; SANTOS, 2006

Um fator positivo é que esses benefícios são remanescentes mesmo após as visitas, pois deixam lembranças e experiências novas para as pessoas.

Considerando o animal como a ponte entre o tratamento proposto e o paciente, o processo de escolha é importante e a equipe deve atentar que as diversas espécies possuem especificidades diferentes, mas que independente da espécie é fundamental reconhecer suas qualidades e acima de tudo seus limites, respeitando sempre o tempo de

cada animal assim como suas características de trabalho. Os animais domésticos, por já estarem no convívio do homem são mais fáceis de manejar e são excelentes estímulos para esses tratamentos.

Participam nesse contexto de animais domésticos, os cães, gatos, passarinhos e coelhos, mas também podem ser utilizados animais de fazenda, como bois, cavalos e granjeiros; animais aquáticos como golfinhos e peixes; e também répteis, anfíbios e artrópodes que são animais exóticos e silvestres.

Animais como o cão, cavalo e o gato são a própria essência de vínculos com o homem, e por isso são mais evidenciados quanto à escolha. Neste sentido, a seguir será descrito especificamente as peculiaridades destes animais.

### *Cães*

Os gregos acreditavam que os cães eram capazes de curar doenças, e os criavam como terapeutas auxiliares em seus templos de cura. Em quase todas as culturas há relatos de cães na maioria das vezes, como guardião, protetor e acompanhante do homem. Simbolicamente, o cão significa fidelidade, devoção, vigilância, prudência. (IMPELLUSO, 2003)

Após a revolução industrial, muitos animais tiveram suas atividades alteradas e começaram a ser utilizado em outras funções, um exemplo disto são os animais de serviço, sendo os cães os mais empregados nessas atividades.

Conforme Dotti (2005), os cães de serviço são classificados em cães de assistência, cães guias, cães de alerta, cães para deficientes auditivos, entre outras possibilidades. Os cães de assistência são treinados para diferentes tipos de patologias, como por exemplo, Distrofia Muscular, Esclerose Múltipla, Paralisia Cerebral, etc. Dentre suas competências estão: empurrar cadeiras de rodas, abrir portas, pegar e levar objetos, acender e apagar as luzes, abrir geladeiras, máquinas de lavar, pegar e atender ao telefone, entre outras. As pessoas podem se beneficiar dos cães de assistência também para ajudar no equilíbrio e na estabilidade do corpo, caminhando com ele como um apoio ou um andador (por exemplo, na Doença de Parkinson).

Outra função, talvez a mais conhecida na área terapêutica, é a de guia para deficientes visuais. Os cães guia são ótimos amigos e trabalhadores, e seu treinamento e

formação é um dos procedimentos mais complexos, do ponto de vista de tempo e recursos. O apoio social e diário dado por um cão guia indica que as pessoas cegas normalmente preferem o animal na maioria das situações, pois se sentem mais independentes, além dos diversos benefícios que o cão guia pode trazer, como estímulo social, companhia, complemento às necessidades emocionais, atividades de lazer, aumento da autoestima e redução da ansiedade. (TURNER, 1998)

Os cães de alerta são treinados para trabalhar com pessoas que tem epilepsia, diabetes ou problemas psiquiátricos. Avisam quando alguém está chegando e/ou algum perigo iminente. Eles podem chamar o serviço de emergência pelo telefone ou outras pessoas, buscam kits de remédios, insulinas, inaladores ou qualquer outra medicação de emergência. Há cães que têm a capacidade de detectar um possível ataque, seja de pânico, cardíaco ou epilético, assim como crises de hipoglicemia. Isto é possível por meio de nossos sinais comportamentais ou pelas alterações químicas e eletroquímicas de nosso corpo, senso de olfato, alterações elétricas em nosso cérebro, entre outros.

Há ainda os cães de resgate, conhecidos por buscar pessoas em acidentes ou desaparecidas; os cães para deficientes auditivos que possuem surdez total ou parcial, que acordam seus donos quando o alarme toca ou levam o telefone até eles, atendem a porta e estão atentos a todos os sons dando algum tipo de aviso à pessoa. E também cães farejadores, famosos por trabalhar junto à polícia, farejando drogas, alimentos e pessoas. Uma das mais surpreendentes áreas que esses cães podem trabalhar é junto à Oncologia - há trabalhos citados por Dotti (2005) que contam situações onde cães identificaram pessoas com algum tipo de câncer através do olfato.

Dentre os benefícios proporcionados pela utilização dos cães em terapia está o auxílio nas questões emocionais do ser humano, como por exemplo, no desenvolvimento do equilíbrio emocional, fazendo um elo com a realidade, quebrando barreiras e ajudando na sociabilidade. O cão pode ainda ser uma fonte de conforto e companhia. Contribui para resgatar valores, atribuindo regras, responsabilidade e respeito. Colabora também na atenção e memória, e tendo em vista o físico, pode através de uma forma mais lúdica, auxiliar nos processos de reabilitação.

## ***Gatos***

Historicamente, o Egito Antigo venerava na figura do gato divino a deusa Bastet, que era benfeitora e protetora do homem. Segundo Impelluso (2003), o gato é símbolo de liberdade e tem uma trajetória de admiração ao longo dos séculos pelo seu caráter e personalidade. Sabe-se que é um dos animais que mais desperta sentimentos antagônicos.

Os gatos têm um perfil mais independente, tendem a ser calmos, são serenos até em seu jeito de andar, podem ser extremamente dóceis e carinhosos, além disso, costumam sempre estar por perto, conferindo segurança.

Estudos mostram que as pessoas mudam seus comportamentos para com os gatos, procurando-os mais quando elas se sentem mais sensíveis e mais deprimidas. (Turner, 1998 *apud* DOTTI, 2005, p.178). Portanto, acredita-se que eles nos ensinam a ter mais equilíbrio, a respeitar os limites alheios e a fazer com que os nossos limites sejam respeitados, pois prezam a liberdade, são autênticos e não aceitam ser “adestrados”. Pela natureza exploratória nos ensinam a ser corajosos, motivam também a melhora dos cuidados físicos, pois são donos de uma higiene impecável. Por esses motivos e outros mais, os gatos são ótimos companheiros em tratamento para crianças, idosos e pacientes com problemas psíquicos. O segredo de um bom relacionamento com um gato é respeitar sua independência e não exigir dele a atenção que ele não pode dar pela sua natureza.

Nise da Silveira – que foi verdadeira amante dos gatos, retratou a personalidade única desses seres, dizendo:

Desprezo as pessoas que se julgam superiores aos animais. Os animais têm a sabedoria da natureza. Eu gostaria de ser como o gato: quando não quer saber de uma pessoa, levanta a cauda e sai. Não tem papo.

## *Cavalos*

O cavalo é um animal que carrega o simbolismo de força, altivez, soberania, paixão e trabalho, e tem contribuído com o homem de variadas formas há milênios de anos. O cavalo nos aproxima de nossas fraquezas e nos ajuda a enfrentar medos, pois encontramos nele aquilo que gostaríamos de ser: fortes e livres.

O nome dado à terapia com cavalos é Equoterapia. Esse tipo de tratamento já existe em muitos lugares do mundo e atende necessidades físicas, sociais, psicológicas, problemas de comportamento, depressão, entre outros. No Brasil, a Equoterapia foi reconhecida pelo conselho de medicina na década de 90 e atualmente, os cursos são desenvolvidos pela Associação Nacional de Equoterapia - ANDE (DOTTI, 2005).

Os programas de Equoterapia têm formatos específicos para deficiências físicas ou problemas de desenvolvimento, mas não se concentram somente a esses problemas, atingem também a esfera emocional e social. Podem ser direcionadas às deficiências ortopédicas, amputações, Artrite, Autismo, deficiência visual, Paralisia Cerebral, problemas neurológicos, Síndrome de Down, Esclerose Múltipla, Poliomielite, Distrofia Muscular, prejuízos de linguagem, de audição, entre diversos outros.

Há trabalhos na área de Equoterapia também com crianças da classe especial e regular, com o objetivo de facilitar a organização do esquema corporal e orientação espacial, proporcionar um bom equilíbrio, desenvolver a estruturação temporal e facilitar adaptação ao meio.

De acordo com Santos (2006), a Equoterapia é um método terapêutico de reabilitação e habilitação complementar, com aprovação científica, que gera benefícios motores, emocionais, cognitivos, da linguagem e sociais, promovendo assim, uma melhor qualidade de vida. A melhora é direcionada ao biopsicossocial que trabalha a totalidade do paciente. O cavalo torna-se, além de instrumento de trabalho, um agente motivador ao praticante, pois a terapia é realizada em ambientes externos encorajando o praticante à socialização.

Portanto, dessa forma a TAA desenvolve diversas formas de ação terapêutica, que se apresentam com os animais, pessoas e patologias descritas.



## 2. A CLÍNICA DA TERAPIA OCUPACIONAL E O RECURSO TERAPÊUTICO

*“Ser é fazer. Uma pessoa só se torna real (humana) no momento da ação”.*

*(Buscaglia)*

Este capítulo pretende abordar como se configura a relação da TAA como um recurso terapêutico da clínica da Terapia Ocupacional, e para isso, ele é formado pela trajetória histórica da Terapia Ocupacional, suas definições, seu objeto e instrumento de trabalho e por fim, discute o recurso terapêutico na prática clínica.

De acordo com Cavalcanti e Galvão (2007), a profissão de Terapia Ocupacional possuiu diversas denominações ao longo de sua trajetória, sendo que a que prevaleceu na maioria dos países foi proposta por George E. Barton, arquiteto norte-americano. Todavia, antes de se pensar no reconhecimento como profissão, a concepção de uma terapia ocupacional já acontecia em diferentes contextos, que abordavam a ocupação humana como um pilar da vida cotidiana.

Enquanto ciência, a Terapia Ocupacional surgiu baseada em uma filosofia humanista, no qual as concepções de homem, mundo, ciência e sociedade são resultados da crença nas realizações do homem capaz de dominar a natureza (MEDEIROS, 2003).

Por sua vez, sob o olhar da saúde, a Terapia Ocupacional surge na Idade Contemporânea a partir de dois marcos importantes – a Revolução Francesa, em 1789, e a Primeira Guerra Mundial, em 1914. Neste último, verificavam-se ambientes da terapia ocupacional em barracas de lona, casas de recuperação e amplas enfermarias. A proposta desses ambientes era a reabilitação física dos veteranos de guerra. Concomitante à reabilitação física, a Terapia Ocupacional surgia no campo da saúde mental, através da medicalização da loucura por intermédio da Psiquiatria, que transformou o louco em doente mental e o manicômio em espaços de tratamento (CAVALCANTI e GALVÃO, 2007).

No Brasil, a Terapia Ocupacional surge de forma semelhante, através da ocupação de doentes institucionalizados em hospitais psiquiátricos, e pela recuperação da capacidade funcional de pessoas com incapacidades físicas. A institucionalização da profissão se deu no período de 1948 a 1980, sendo que sua formação se iniciou por meio de cursos de treinamento em saúde mental pela Dra. Nise da Silveira, e posteriormente em reabilitação física. Esses cursos avançaram para um nível universitário em 1961, e finalmente, em 1969, foi promulgada a lei que reconheceu a profissão (CARLO; BARTALOTTI, 2001; CAVALCANTI; GALVÃO, 2007 *apud* SUCUPIRA, 2012).

A partir da regulamentação do exercício profissional, criou-se o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO), que se organiza em unidades regionais e define a Terapia Ocupacional da seguinte maneira:

É uma área do conhecimento, voltada aos estudos, à prevenção e ao tratamento de indivíduos portadores de alterações cognitivas, afetivas, perceptivas e psicomotoras, decorrentes ou não de distúrbios genéticos, traumáticos e/ou de doenças adquiridas, através da sistematização e utilização da atividade humana como base de desenvolvimento de projetos terapêuticos específicos. O terapeuta ocupacional é um profissional dotado de formação nas Áreas de Saúde e Sociais. Sua intervenção compreende avaliar o cliente, buscando identificar alterações nas suas funções práticas, considerando sua faixa etária e/ou desenvolvimento da sua formação pessoal, familiar e social. A base de suas ações compreende abordagens e/ou condutas fundamentadas em critérios avaliativos com eixo referencial pessoal, familiar, coletivo e social, coordenadas de acordo com o processo terapêutico implementado. O terapeuta ocupacional compreende a Atividade Humana como um processo criativo, criador, lúdico, expressivo, evolutivo, produtivo e de automanutenção e o Homem, como um ser prático, interferindo no cotidiano do usuário comprometido em suas funções práticas objetivando alcançar uma melhor qualidade de vida.

Já a Federação Mundial dos Terapeutas Ocupacionais (WFOT – World Federation of Occupational Therapists) define a Terapia Ocupacional como:

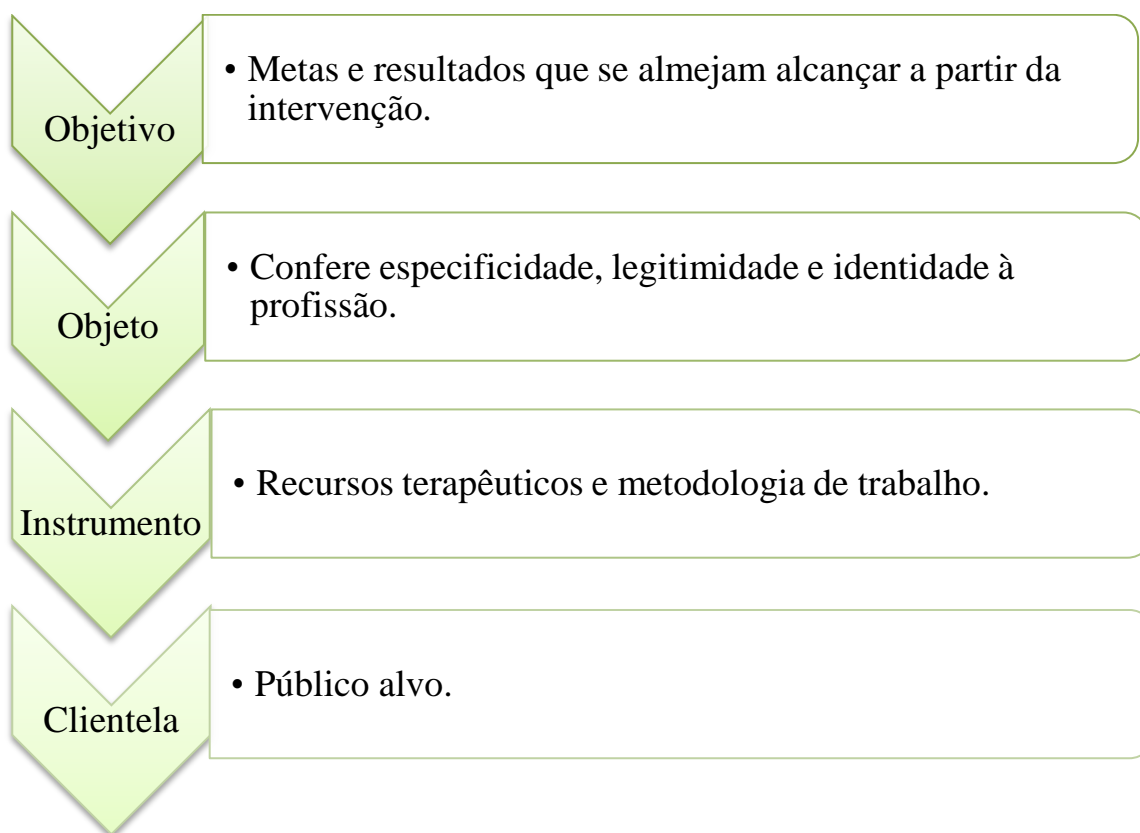
Profissão da área da saúde envolvida com a promoção da saúde e bem estar através da ocupação. O objetivo primário da Terapia Ocupacional é habilitar as pessoas a participar das atividades da vida diária. Este objetivo é alcançado por meio do trabalho com pessoas e comunidades para aumentar suas habilidades para o engajamento nas ocupações que elas querem, desejam ou precisam participar; esta intervenção é feita por meio da modificação das ocupações ou do ambiente para melhor apoiar a participação nas atividades. Os terapeutas ocupacionais acreditam que a participação pode ser melhorada ou reduzida em decorrência das habilidades físicas, afetivas e cognitivas, das características das ocupações, ou do ambiente físico, social, cultural, atitudinal e legislativo.

Desta forma, entende-se a prática da Terapia Ocupacional com o foco em habilitar os indivíduos a modificar aspectos pessoais, do ambiente e/ou ocupação, objetivando o aumento de sua participação ocupacional.

Nesse sentido, Medeiros (2003) afirma que as ocupações são consideradas como papéis que a pessoa desempenha no seu cotidiano, e para que esses papéis sejam desenvolvidos, a pessoa necessita executar diferentes atividades. Portanto, a Terapia Ocupacional utiliza o termo ocupação para dar significado à atividade do cotidiano, e fundamenta-se na compreensão de que o envolvimento em ocupações estrutura a vida de forma a contribuir para a saúde e o bem-estar (AOTA, 2008).

Segundo Soares (2007, *apud* SUCUPIRA, 2012), para que uma definição possa ser considerada adequada, devem-se conter os seguintes itens: objetivo, objeto de trabalho, instrumento e clientela. No contexto da Terapia Ocupacional, esses itens podem ser definidos no esquema abaixo:

### Esquema 3 – Critérios da profissão



Fonte: SOARES (2007, *apud* SILVA, 2012)

Ainda de acordo com a autora, o objeto da Terapia Ocupacional é apresentado como a ação, o fazer humano, o cotidiano, a atividade humana, as atividades rotineiras, dentre outras denominações. Neste sentido, partindo do pressuposto de que o homem em atividade é o objeto de estudo da Terapia Ocupacional, compreende-se que a utilização da atividade é a característica central da profissão, e, portanto, sua especificidade.

Alguns autores, além dos aspectos da ação e o fazer humano, defendem o raciocínio clínico como o objeto profissional (CANIGLIA, 2000; CAVALCANTI e GALVÃO, 2007; BENETTON, TEDESCO E FERRARI, 2003).

Raciocínio é o ato mediante o qual a mente, por meio do conhecimento de uma verdade, chega ao conhecimento de outra (GIRARDI e QUADROS, 1988). Portanto, qualquer processo de onde se tira uma conclusão, a partir de um conjunto de premissas, pode ser chamado de raciocínio (PECORA, *apud* PEDRAL e BASTOS, 2008). Segundo Schell (2002), “Raciocínio clínico é o processo usado por profissionais para planejar, orientar, realizar e refletir sobre o tratamento do cliente.”, ou seja, conduz as estratégias da ação clínica. Tendo então como objetivo, organizar as ações terapêuticas de forma que atenda aos interesses ou demandas do cliente.

Nesse contexto, o raciocínio diferenciado do terapeuta ocupacional é evidenciado na possibilidade de aplicação ou indicação da forma mais efetiva de seus recursos terapêuticos. Pontuar a atividade como recurso terapêutico é compreender a atividade como ação, levando em consideração as etapas e características adequadas à sua aplicação, como em um “rito” sequencial, que pode ser chamado de raciocínio (PEDRAL e BASTOS, 2008).

Logo, abordar recursos terapêuticos no contexto da Terapia Ocupacional é mediar a transformação do indivíduo ou referir-se à atividade em si como recurso facilitador. Para Pedral e Bastos (2008), é reconhecido que toda atividade é transformadora, porém, é necessário especificar como e quando o recurso da atividade é terapêutico. A etimologia da palavra “recurso” reflete o ato ou efeito de recorrer a um auxílio, a uma solução, o meio utilizado para vencer dificuldades. A autora afirma que:

O recurso terapêutico promove mudanças em uma realidade objetiva ou em uma experiência subjetiva, para que efetivamente, se alcance o intercâmbio necessário do experimentar e modificar a situação, seja no desempenho de uma tarefa, nas inter-relações e /ou na execução de papéis. (p. 18).

De uma forma mais descritiva, os recursos terapêuticos na clínica da Terapia Ocupacional são as atividades, objetos, técnicas e/ou métodos utilizados com o objetivo de auxiliar o cliente durante seu tratamento. Os recursos terapêuticos são facilitadores para a realização das atividades, de forma a promover a independência pessoal e a melhora da funcionalidade e qualidade de vida. E neste sentido, o terapeuta ocupacional planeja esses recursos de acordo com as necessidades e desejos do paciente e utiliza como estratégia durante o processo de intervenção (SCHREIBER, 2000).

A AOTA (2008) define a intervenção como o processo e as habilidades realizadas pelos praticantes de terapia ocupacional em colaboração com o cliente para facilitar o envolvimento na ocupação relacionado à saúde e à participação, sendo que este processo inclui o planejamento, a implementação e a revisão. Assim a intervenção do terapeuta ocupacional visa ao desempenho ocupacional, que é a capacidade de um indivíduo em realizar a atividade que necessita ou deseja realizar (CAVALCANTI, 2007).

Neste cenário então, o recurso terapêutico é considerado como todo e qualquer dispositivo que o terapeuta utiliza em sua clínica. Este recurso deve ser assumido como objeto de especificidade na medida em que ele se torna eficiente em suas intervenções, iluminando a prática e ação da Terapia Ocupacional (PEDRAL e BASTOS, 2008). Confirmado pelas autoras da seguinte forma:

A aplicação da atividade como recurso terapêutico, na construção de si próprio e do mundo, reafirma os potenciais do sujeito, em defesa de suas disfunções, promove sua transformação através do plasmar de seu conteúdo interno em externo, por meio de materiais e ferramentas. (p. 196).

Assim sendo, possibilita-se como o uso de recurso terapêutico, uma variedade de técnicas cabíveis de serem inseridas na atividade. E é nesse contexto que se configura a TAA na clínica da Terapia Ocupacional, pois ela se apresenta como uma técnica que utiliza o animal como agente facilitador no processo de intervenção.

Portanto, através dos estudos que comprovam os benefícios proporcionados pela TAA, a técnica se assemelha a outros recursos que já são utilizados na Terapia Ocupacional, no que diz respeito a sua metodologia de trabalho, pois a TAA, por se tratar de uma técnica formal, obrigatoriamente obedece a critérios em sua aplicação como o planejamento, análise e avaliação dos resultados.

### 3. HOMENAGEANDO NISE DA SILVEIRA

*[...]. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então ele me disse: 'A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque.' Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele mandou levar aquele paciente para a enfermeira e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: 'Aperte o botão.' E eu respondi: 'Não aperto.' Aí começou a rebelde. (Nise da Silveira)*

Este capítulo tem por objetivo referenciar a Doutora Nise da Silveira, que integrou os animais na instituição que trabalhava por acreditar no poder terapêutico que exerciam. Portanto, embora não com o nome de TAA, Nise já sabia dos efeitos que os animais causavam em seus pacientes, e de forma quase que intuitiva, favorecia o convívio entre todos. Infelizmente, Nise não é citada como uma das precursoras da TAA no mundo, mas há de se reconhecer que esse mérito no Brasil é dado a ela, afirmando isso com a história que será narrada nos próximos parágrafos.<sup>1</sup>

Nise Magalhães da Silveira, filha de professor e pianista, nasceu em 15 de fevereiro de 1905, em Maceió, estado de Alagoas. Além da formação em Medicina, na Bahia, em 1926, possui título de psiquiatra, psicanalista e terapeuta ocupacional. Diante de uma vida digna de diversas descobertas e realizações é intitulada como a “Terapeuta da Alma”.

Grande personalidade médica, seu conteúdo é vasto, compreendendo vários artigos e publicações, dentre as mais famosas estão: “Imagens do Inconsciente” (1981), “O Mundo das Imagens” (1992), “Gatos: a emoção de lidar” (1998) e “Casa das Palmeiras: A emoção de lidar” (1986).

Nesta última literatura faz referência à Casa das Palmeiras, uma instituição de reabilitação psiquiátrica com atividades expressivas, idealizada e fundada por ela no ano de 1956. Essa instituição não seguia padrões convencionais de reabilitação, foi caracterizada como um pequeno território de relações humanas afetivas e de atividades

---

<sup>1</sup> As informações biográficas relatadas foram retiradas do endereço eletrônico: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/html/nise.html>> e do livro “Terapia & Animais”, de autor Jerson Dotti, 2005.

criadoras. Os trabalhos eram assinados, datados e arquivados para serem estudados em série. O método recebeu a denominação de terapêutica ocupacional e foi inspirado na profissão Terapia Ocupacional. Utilizava a técnica, a partir da observação com os próprios clientes e baseada pelos pressupostos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (GULLAR, 1996).

Ainda jovem Nise da Silveira se encantou com a psicologia Junguiana e foi uma das principais estudiosas e divulgadoras de sua obra, chegando a fundar um grupo de estudos sobre Jung. Trocou correspondências com ele até finalmente encontrá-lo pessoalmente em um congresso, no ano de 1957.

Seu grande trabalho começa anos antes, em 1944, quando após permanecer um tempo presa, é readmitida ao serviço público e designada para ter exercício no Centro Psiquiátrico Nacional (CPN), fundando em 1946, a convite do diretor, a Seção de Terapêutica Ocupacional.

A Seção de Terapêutica Ocupacional no CPN localizado no Engenho de Dentro, foi criada a partir do inconformismo da Dra. Nise com as práticas utilizadas na época. Na década de 40 eram usados métodos de tratamento como eletrochoque, lobotomia e confinamento, sendo constantes as crises convulsivas e perda de consciência. Sua sensibilidade não a deixava aceitar esses tipos de práticas e então Nise buscou novos caminhos de tratamento, instalando diversas atividades com caráter expressivo, como pintura e modelagem.

A Seção não era conduzida como mera ocupação ou utilização de mão de obra, mas com o objetivo de beneficiar os indivíduos que estavam ali internados - levando uma vida completamente incógnita - com atividades que lhes possibilitassem um meio de expressão e resgate da sua individualidade. A partir desse método, os resultados não demoraram a aparecer: as melhoras clínicas se acentuavam cada vez mais e ela logo percebeu ser um meio de acesso aos processos psíquicos que se desdobram no enigmático mundo interno do esquizofrênico.

No curso da esquizofrenia, a capacidade afetiva do indivíduo declina até chegar ao embotamento afetivo. Entretanto, a experiência demonstra o contrário, pois na linguagem artística e plástica de cada indivíduo, mesmo naqueles onde a capacidade verbal é reduzida e ininteligível, é possível notar uma vida emocional rica e intensa. A

presença de uma pessoa solícita e tranquila ao lado do doente pode catalisar inesperados laços de comunicação, fazendo-o reagir ao mundo externo (MELLO, 1987). Esse fenômeno é afirmado pelo autor como descrito a seguir:

Em seu pioneiro trabalho com esquizofrênicos, Nise desenvolveu o conceito de Afeto Catalisador, que consiste na constância e no comportamento não invasivo de um co-terapeuta humano que se faz presente junto ao paciente nas oficinas de terapêutica ocupacional, de forma que o esquizofrênico encontre um ponto de apoio seguro a partir do qual se organizar. Após ilustrar exemplos de co-terapeutas humanos, Nise da Silveira afirma: “excelentes são os catalisadores não-humanos” (p. 81).

E assim, introduz como co-terapeutas em seu trabalho, os animais, os quais ela considerava parceiros, amigos e colegas de trabalho. Essa história começa por intermédio da cadela de nome Caralâmpia, encontrada no pátio do Centro Psiquiátrico Pedro II, faminta e abandonada. Nise a pegou e olhando para um dos internos perguntou se ele não gostaria de cuidar da cadela e obteve uma resposta afirmativa.

Dra. Nise introduziu os animais – gatos e cães – como forma de estabelecer uma ponte com o mundo real. Ao cuidar dos animais, era observado que o efeito nos pacientes era positivo e regulador. Apesar de ela nunca ter esclarecido totalmente a razão de manter estes animais, sabe-se que isso era uma tentativa de extrair o afeto de seus pacientes, pois a relação entre os indivíduos e os animais é essencialmente não verbal, e era por esta via que Nise procurava captar as dificuldades e mobilizar as manifestações emocionais (CAMARA, 2002). Naquela época comentou:

Verifiquei as vantagens da presença dos animais no hospital psiquiátrico. Sobretudo o cão reúne qualidades que o faz muito apto a tornar-se um ponto de referência estável no mundo externo. Nunca provoca frustrações, dá incondicional afeto sem nada pedir em troca, traz calor e alegria ao frio ambiente hospitalar. Os gatos têm um modo de amar diferente. Discretos, esquivos, talvez sejam muito afins com os esquizofrênicos na sua maneira peculiar de querer bem (DOTTI, 2005, p.36).

Em 1961, recebeu uma carta do psicanalista americano Dr. Boris Levinson, que como já abordado em capítulo anterior, é tido como referência na terapia com animais. Dr. Boris escreveu sobre o fato de alguns animais terem sido mortos por envenenamento no hospital onde ela trabalhava, e disse: “Sem dúvida, para muitos dos pacientes, os animais eram seu único elo com a vida, sua ponte para a saúde mental” (DOTTI, 2005).



As atividades com os animais só foram continuadas até meados da década de 60, pois o trabalho com os animais era uma de suas maiores dificuldades por conta da oposição dos profissionais de saúde e das pessoas da época, que costumavam rejeitar por não estarem preparadas para o novo.

Nise faleceu em outubro de 1999, no Rio de Janeiro, aos 94 anos, em decorrência de uma insuficiência respiratória, deixando um grande legado à saúde mental no Brasil.

Ela é sem dúvida, a grande pioneira na A/TAA no Brasil, e com certeza fez parte do pioneirismo internacional nessa área. Lamentavelmente, ela não é citada por Boris Levinson, estudioso e referência da área, apesar da relação de amizade entre os dois, ambos discípulos de Jung, que trocavam informações acerca de suas intervenções e experiências.

Sendo assim, este capítulo é uma forma de agradecimento às suas iniciativas e ao avanço do paradigma psiquiátrico com sua abordagem, do incentivo a dinâmica do recurso terapêutico no processo da Terapia Ocupacional, e pelo encaminhamento inovador do animal no processo do cuidado. Através da vivência com os animais da instituição – em especial Caralâmpia – e com seu gato Carlos, que viveu a seu lado por 19 anos e morreu um ano antes dela, Nise não deixou de reparar que a vida não existe para ser conservada. A vida está em expansão dentro e fora do ser (PASSETI, 2002).

Portanto, a homenagem a Nise da Silveira apresentada por este capítulo é justificado, através da imersão clínica de esquizofrênicos pelo uso da expressão, através do animal, corroborando a importância da TAA como técnica terapêutica.

#### 4. METODOLOGIA

O presente estudo propõe como concepção filosófica o Pragmatismo, uma corrente que surgiu na segunda metade do século XIX, onde o conhecimento tem um caráter essencialmente prático (BRAGA, 2009).

O pragmatismo se apresenta em diversas formas, mas de acordo com Patton (*apud* CRESWELL, 2010), para muitos, essa filosofia enquanto concepção surge das ações, ou seja, mais das situações e consequências do que das condições antecedentes. Estabelece-se uma preocupação com as aplicações, com o que funciona e as soluções para os problemas.

Na perspectiva pragmática, os pesquisadores enfatizam o problema da pesquisa, não os métodos, e utilizam todas as abordagens disponíveis para entender e/ou afirmar o problema. É possível constatar isso através da afirmação de Creswell (2010) que diz: “Os pesquisadores pragmáticos olham para o que e como pesquisar, baseados nas consequências pretendidas, ou seja, aonde eles querem chegar com ela” (p. 29).

Neste sentido, essa pesquisa se afirmou como abordagem metodológica pragmática a partir do momento em que se buscou a confirmação da ideia principal como problematizadora da pesquisa, que é possibilitar a TAA como recurso terapêutico ocupacional.

Ainda de acordo com o autor referenciado, os pragmáticos não veem o mundo como uma unidade absoluta. Para Valentini (1988), a verdade de uma ideia está na relação com a sua funcionalidade, isto é, a verdade não pode ser procurada por si mesma, como fim, mas ela nos guia a algo que é estranho à verdade, ou pelo menos, diferente dela. Portanto, neste estudo, o caminho da pesquisa e as abordagens utilizadas levaram à confirmação do problema inicial, porém não como uma verdade pré-estabelecida, e sim como uma possibilidade.

A base deste estudo foi de natureza empírica exploratória, onde há uma descrição objetiva e eficiente da realidade observável, ou seja, daquilo que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar através dos métodos (DEMO, 1994). A valorização desse tipo de pesquisa, segundo o mesmo autor, é “pela possibilidade que oferece de maior concretude às argumentações (...). O significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática” (p. 37).

Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado, a fim de torná-lo mais explícito, para constituir hipóteses e aprimorar ideias. Portanto, seu planejamento é flexível, o que permite considerar vários aspectos relativos ao fato estudado.

Neste sentido, a estratégia de investigação adotada nessa pesquisa foi de métodos mistos, pois a concepção filosófica pragmática tende a uma abordagem desse tipo (CRESWELL, 2010). Para este autor, os pesquisadores que utilizam métodos mistos buscam muitas abordagens para coletar e analisar os dados, mesclando tanto dados quantitativos, quanto qualitativos, com o intuito de proporcionar a melhor compreensão de um problema de pesquisa. E alega que uma técnica de métodos mistos é aquela em que o investigador tende a basear as alegações de conhecimento em elementos pragmáticos - orientado para consequência, centrado no problema e pluralista.

O método misto escolhido foi do tipo sequencial, com utilização dos dados quantitativos e qualitativos tratados sequencialmente para corroborar com os temas da pesquisa.

O procedimento para coleta de dados foi realizado através de pesquisa bibliográfica, de forma aleatória, utilizando os descritores dos temas da pesquisa até que se esgotassem as possibilidades da busca. Além disso, não se delimitou um período de tempo, devido ao tema ser recente.

A pesquisa bibliográfica ocorreu em bases de dados como BIREME e SCIELO – compreendendo artigos, teses e dissertações, além disso, livros, reportagens e vídeos. Os descritores utilizados foram: Terapia Assistida por Animais, Terapia Ocupacional e animal, e recurso terapêutico, aplicados em diferentes combinações, em língua portuguesa e inglesa. O critério de inclusão foi trabalhos que se referiam somente à utilização dos animais como intervenção terapêutica na área de saúde e foram excluídos os trabalhos que tratavam da Equoterapia, pois embora o cavalo tenha sido citado no trabalho, entendeu-se que é um campo a parte, com muitos estudos na área e que seria caracterizado como outro universo de pesquisa.

A pesquisa bibliográfica adequa-se a este estudo, pois para Manzo (1971) (*apud* MARCONI e LAKATOS, 2007), esse tipo de pesquisa “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas

não se cristalizaram suficientemente” (p. 185), que é exatamente ao que essa pesquisa se propôs ao explorar um assunto pouco popular no meio acadêmico.

Os trabalhos selecionados através da pesquisa bibliográfica foram organizados com o uso do *software* Excel, através de duas planilhas com dados que representaram o tema em questão.

A primeira planilha teve como conteúdo o universo metodológico dos estudos encontrados, descritos em itens como: estudo, tipo de material, natureza da pesquisa, instrumentos metodológicos, análise dos dados, área do estudo, ano de publicação e origem (nacional ou internacional).

Na segunda planilha, consta o levantamento dos aspectos sobre a terapêutica animal encontrada nos estudos como: tipo de animal, perfil amostral, tipo de intervenção e resultados.

Os dados organizados nas planilhas foram quantificados e organizados através de dados numéricos usando matemática simples e apresentados através de gráficos e esquemas.

A análise dos dados foi apresentada por dados quantitativos sequencialmente corroborados com os dados qualitativos, no formato de estudo descritivo. De acordo com Triviños (1987), o estudo descritivo descreve os fatos e fenômenos de determinada realidade. Podendo, ainda, constituir relações entre as variáveis. Neste sentido, a pesquisa estabelece um estudo descritivo sobre a ação do animal correlacionando a uma possibilidade clínica da Terapia Ocupacional.

Finalmente, a partir da análise dos dados, foram levantadas críticas sobre a possibilidade do uso do animal na Terapia Ocupacional, viabilizando uma interpretação e reflexões que direcione um significado mais amplo às respostas. Para Marconi e Lakatos (2007), a interpretação significa a exposição do material apresentado em relação aos objetivos propostos e ao tema. Neste sentido, buscou-se esclarecer não só o resultado apresentado, mas também considerações importantes da Terapia Ocupacional com esse possível recurso terapêutico.

## 5. CONHECENDO O CAMPO DA TERAPIA ASSISTIDA POR ANIMAIS

Conforme anunciado no capítulo metodológico, os dados do estudo serão apresentados e organizados em métodos mistos, buscando a quantificação e descrição do universo metodológico das pesquisas, a fim de conhecer a forma em que estão sendo desenvolvidos teoricamente os estudos da TAA.

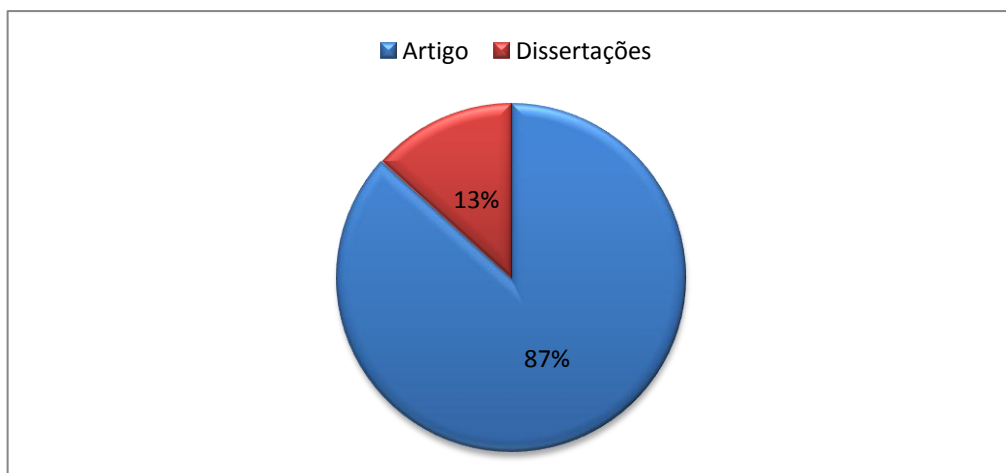
Neste sentido, os dados mostraram uma diversidade significativa referente aos aspectos específicos do perfil bibliométrico e de métodos da literatura encontrada; além de descrição sobre aspectos específicos da Terapia Assistida por Animais, onde possibilitou uma discussão sobre o desenvolvimento deste tema no campo científico.

### 5.1 Caracterizando o Universo Metodológico

Aplicando-se os descritores: terapia assistida por animais, Terapia Ocupacional e animais, e recurso terapêutico, nas bases de dados referidas, foram encontrados 103 artigos, sendo que destes, oitenta e três foram excluídos - a partir da leitura do resumo, por não obedecerem aos critérios estabelecidos, e outros cinco estavam sem acesso. Portanto, foram selecionados 15 artigos que correspondiam aos parâmetros da pesquisa.

Partindo para a análise metodológica dos dados, observou-se no gráfico 2, em relação ao tipo de material, que a pesquisa configurou-se de duas formas específicas, com artigos completos e dissertações de mestrado.

**Gráfico 2 – Tipo de material prevalente**

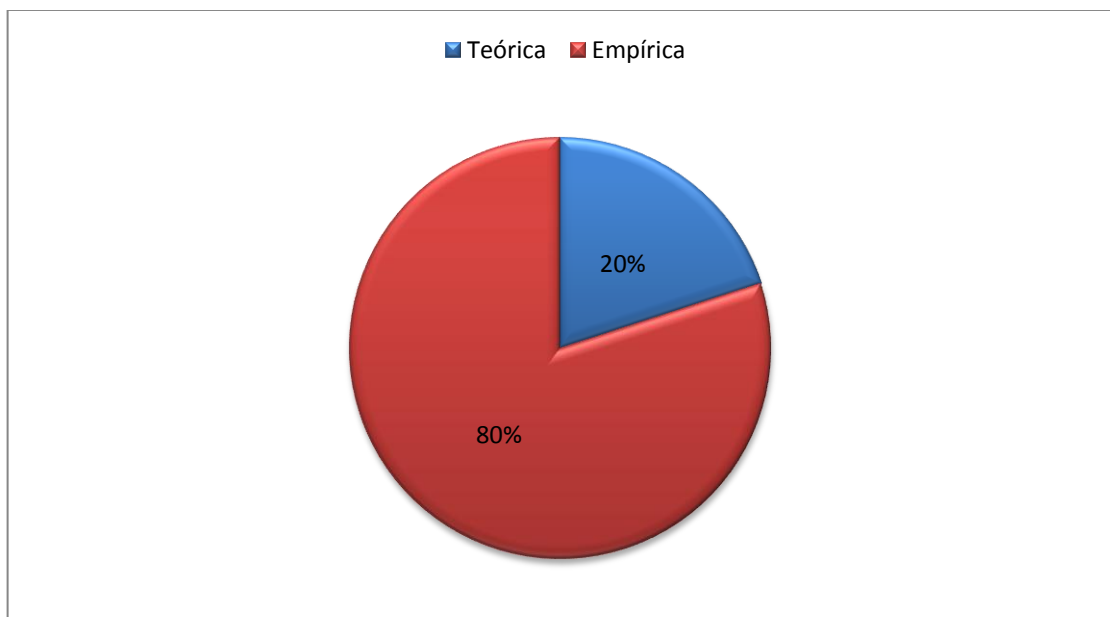


Fonte: Pesquisa

Desta literatura levantada há uma prevalência de artigos nas publicações, sendo que em todos, constam mais de um autor, e em dois artigos (AMORIM et al., 2003; 2004) encontra-se o mesmo autor, o que caracteriza relevância pois demonstra que o tema mostra-se como um estudo em expansão.

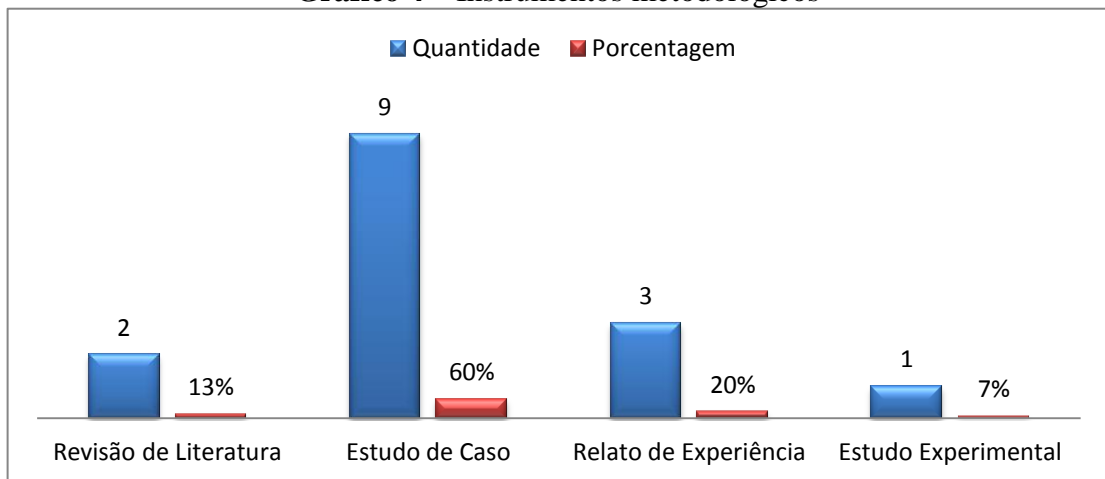
Quanto à natureza de pesquisa, apresentada no gráfico 3, percebeu-se que em sua maioria os estudos mostraram-se como pesquisas empíricas, o que revela também ser um fator positivo, pois o empirismo se pauta através de experiências e de acordo com Demo (1994) a valorização desse tipo de pesquisa é pela possibilidade que ela oferece de maior concretude às argumentações, pois o significado dos dados empíricos depende do referencial teórico, mas estes dados agregam impacto pertinente, sobretudo no sentido de facilitarem a aproximação prática. Já a pesquisa teórica, referente a dois estudos (REED et al, 2012; RAVEIS et al, 1993) também tem sua relevância, e percebe-se que um deles é recente, o que se torna significativo frente às evidências do tema.

**Gráfico 3** – Natureza de pesquisa dos estudos



Fonte: Pesquisa

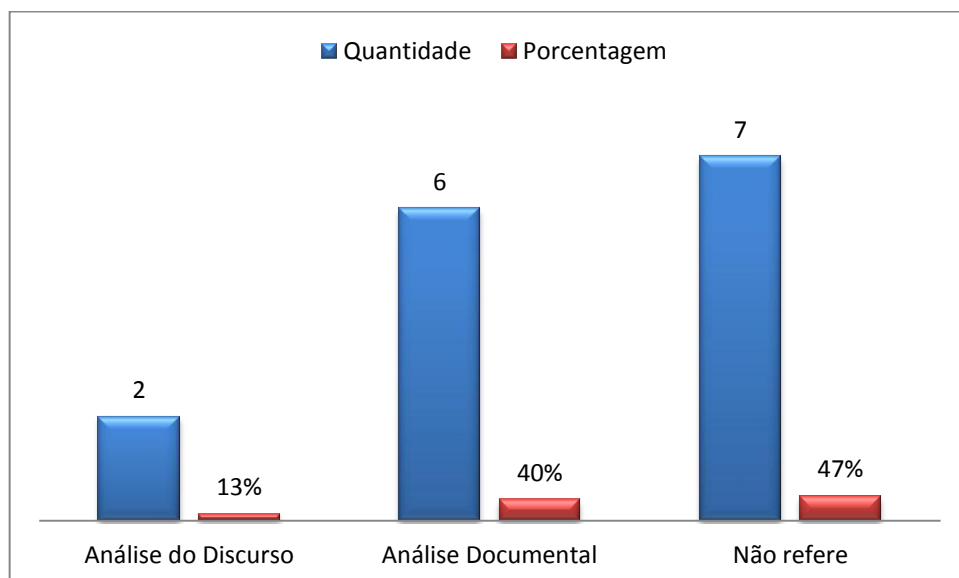
Com relação aos instrumentos metodológicos escolhidos pelos autores, estes são representados no gráfico 4 em diversas formas.

**Gráfico 4 – Instrumentos metodológicos**

Fonte: Pesquisa

Nota-se a prevalência de estudos de caso, o que contribui para o acervo do tema em relação às experiências interventivas de diversas áreas. Identifica-se então, que está havendo uma preocupação em registrar situações específicas onde há a aplicação da técnica.

Outra característica do universo metodológico quantificada, foi a respeito da análise dos dados trazidos pelos autores em suas publicações, e nesse aspecto houve uma parcela considerável de autores que não referem isso em seus artigos. Como apresentado no gráfico 5.

**Gráfico 5 – Análise dos dados**

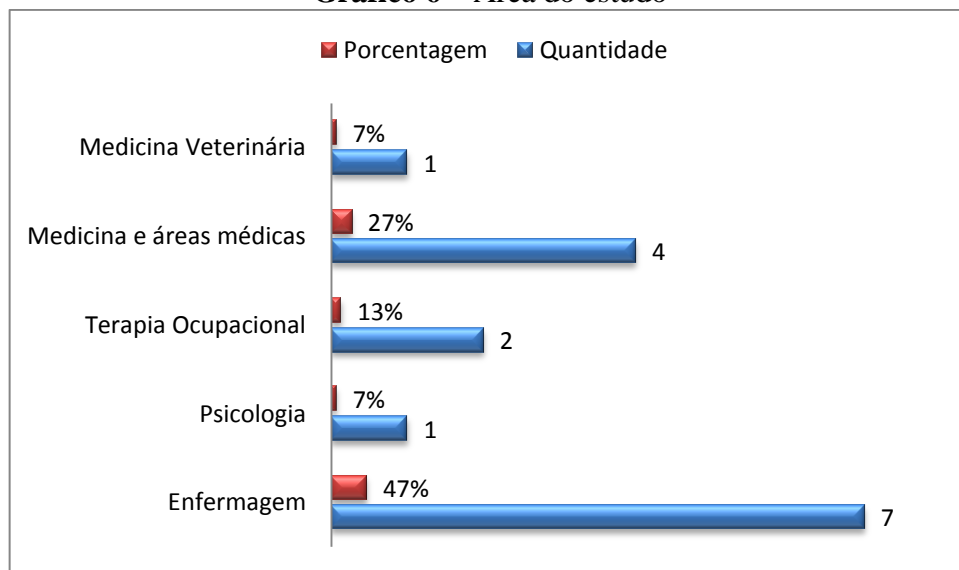
Fonte: Pesquisa

Verificou-se uma prevalência de análise documental na literatura encontrada. A relevância desse tipo de análise é afirmada por Godoy (1995), que cita a análise documental como uma das técnicas de maior confiabilidade (p.21). Ainda segundo este autor, essa análise é caracterizada por buscar identificar informações factuais nos documentos a partir de questões de interesse (p.38). Sendo assim, seu objetivo é constatar informações que sirvam de subsídio para responder algumas questões, e, portanto, sua vantagem é a riqueza de fontes e dados, configurada através dos documentos.

Os estudos levantados foram observados em áreas distintas (gráfico 6), e foi relevante pois dessa forma foi analisado a produção científica e verificou-se qual área produz o maior número de trabalhos, formando assim um eixo de qualidade e relevância para aquele campo.

Desta forma, constatou-se que a área onde se tem mais publicações é a Enfermagem, seguido da Medicina e áreas médicas. É importante destacar que as revistas onde estes trabalhos estão sendo publicados, em sua totalidade, são referentes à própria área.

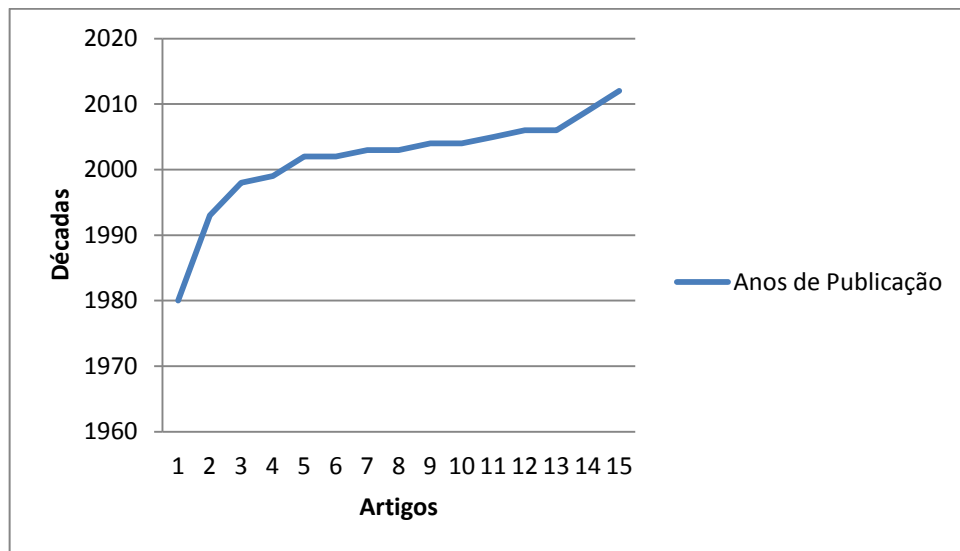
**Gráfico 6 – Área do estudo**



Fonte: Pesquisa

Estas publicações foram pesquisadas sem delimitação de tempo, por considerar um tema novo e com literatura escassa, e quanto ao ano de publicação observou-se dados relevantes, como observado no gráfico 7, onde são demonstrado os seguintes anos.



**Gráfico 7 – Ano de publicação**

Fonte: Pesquisa

Nos resultados encontrados, é observado na literatura que trata especificamente da TAA nas diversas formas de intervenção, uma carência de trabalhos, porém nota-se que os estudos vêm se apresentando de forma crescente a partir dos anos dois mil, com progressão significativa dos estudos.

Os estudos levantados mostram-se em uma mesma relação dos nacionais e internacionais, como apresentados no gráfico 8.

**Gráfico 8 – Origem das publicações**

Fonte: Pesquisa

Neste gráfico revela-se que os estudos nacionais e internacionais estão equiparados. Alguns aspectos são considerados relevantes, como no campo científico, especialmente da

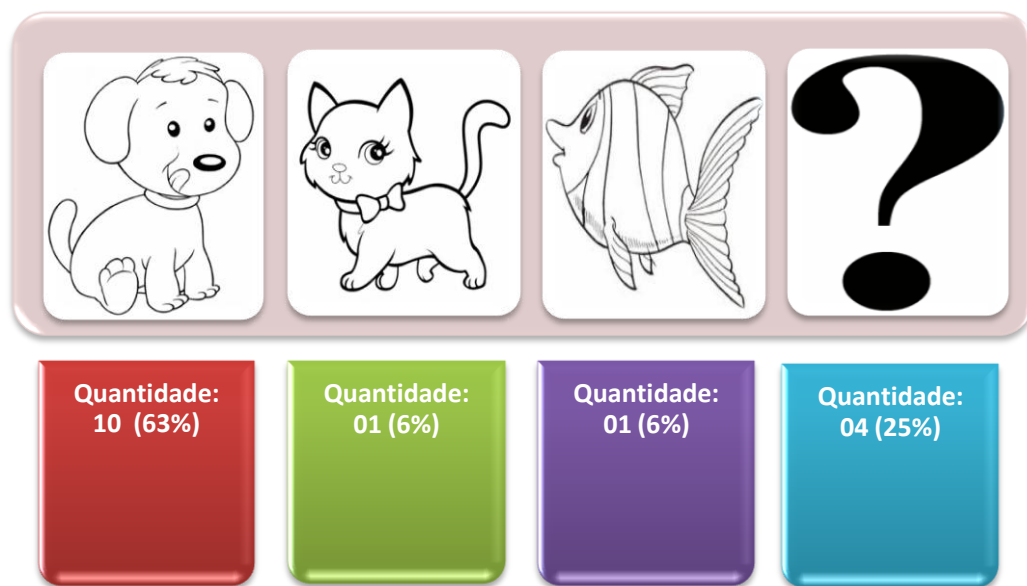
Terapia Ocupacional, onde os dois artigos encontrados (AMORIM et al, 2003; 2004) se apresentam nacionais e enriquecem o acervo da profissão e o interesse dos estudos no Brasil sobre o tema, além de oferecer avanço tecnológico sobre uma prática clínica a partir da realidade do Brasil.

## 5.2 – Narrando sobre a “Terapêutica Animal”

O aprofundamento da literatura pesquisada se fez necessário para o entendimento de como a TAA está sendo desenvolvida nos diversos campos do cuidado, a fim de ser realizada uma reflexão para a possibilidade e recurso terapêutico na Terapia Ocupacional.

Neste sentido, inicialmente foi levantado os diversos animais utilizados na TAA na literatura, sendo estes, descritos na figura 4.

**Figura 4** – Tipo de Animais utilizados na TAA



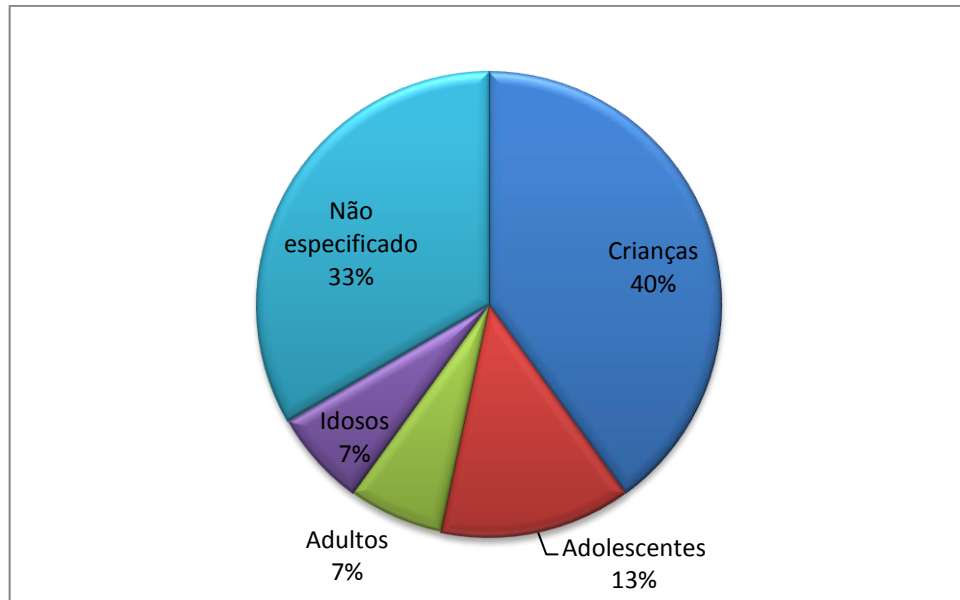
Fonte: Pesquisa

Na grande maioria dos estudos, prevalece o uso do cachorro. De acordo com Dotti (2005), os resultados costumam ser melhores no tratamento com esses animais por conta de seu temperamento e comportamento.

Quatro autores não especificam o tipo de animal utilizado, referem apenas como “os animais”. Este dado pode estar relacionado ao fato da escolha sobre qual animal utilizar ser

específico ao tipo de intervenção, local onde vai ocorrer a terapia e/ou o público alvo, descrito a seguir, no gráfico 10.

**Gráfico 9 – Perfil amostral**



Fonte: Pesquisa

No perfil amostral observa-se o uso da TAA em todos os ciclos de vida, prevalecendo, primeiramente o grupo de crianças, com diversas patologias, como: doenças crônicas, HIV, síndromes diversas, câncer, paralisia cerebral, Síndrome de Asperger, autismo e necessidades especiais. Em seguida os adolescentes (13%) com Síndrome de Down e Leucemia Linfocítica Aguda.

No caso do adulto, faz referência ao estudo de Raveis et al. (1993), onde foram verificados os níveis de estresse dos cuidadores dos indivíduos que se encontravam com câncer, sendo, os cuidadores em quase sua totalidade eram os cônjuges. Foi realizada uma comparação entre os que conviviam com animais e com os que não tinham esse contato. Raveis et al verificaram que a presença de animais de companhia (principalmente cães e gatos) pode trazer benefícios em situações de estresse, como nesse caso, onde uma pessoa está vivenciando uma doença grave com seu cônjuge. Estes resultados sugerem que ter um animal de estimação na casa está associado a um melhor ajustamento psicológico para estes cuidadores.

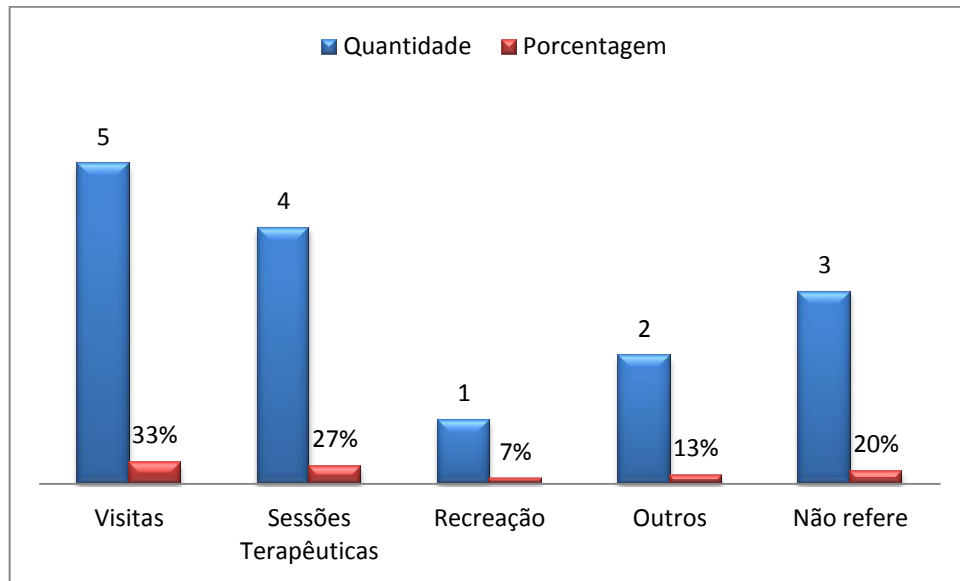
Alguns estudos (33%) mostram o uso da TAA não ser aplicado pelos ciclos de vida, mas pelo ambiente de intervenção, sendo o público definido como pacientes hospitalizados, pacientes terminais e pacientes com diagnósticos psiquiátricos.

Nestes estudos, a TAA mostrou-se como um estímulo para um espaço de humanização com as pessoas, independente da idade, no cotidiano institucional. No estudo de Kawakami e Nakano (2003) é relatado que alguns grupos de profissionais que realizam a TAA são requisitados em hospitais quando o paciente não responde verbalmente, dificultando a escolha da melhor assistência, e afirma: “Os animais passam a se tornar a ponte entre o paciente e o profissional, estreitando a distância entre eles” (p.4). Desta maneira, alcançou-se um trabalho mais humanizado.

Ainda de acordo com esse estudo, as autoras acima referenciam Bergman (2000) que constatou em seu trabalho, que pacientes internados em uma unidade psiquiátrica surpreenderam a equipe quando eles dominaram a ansiedade e permaneceram calmos apenas observando os movimentos de uma iguana. Neste momento o profissional conseguiu ter o controle dos pacientes e estabelecer um contato mais próximo e menos estressante para ambos. O autor diz que através desse fato, o profissional pôde verificar que mais que tratamento, aquelas pessoas necessitavam de atenção e respeito.

É importante ressaltar que a literatura sobre a intervenção pela TAA é diversificada tanto aos ciclos de vida como aos ambientes institucionais, demonstrando a possibilidade desta técnica ter o atendimento estendido a diferentes públicos, ambientes e contexto.

A diversidade quanto ao local e clientela também se repetiu no aspecto de intervenção clínica (gráfico 10).

**Gráfico 10** – Tipos de intervenções utilizando a TAA

Fonte: Pesquisa

Observa-se a prevalência de utilização da TAA como os processos de intervenções terapêuticas serem as visitas e sessões, seguidas de recreação.

É importante ressaltar que a TAA também foi utilizada como auxílio de resposta terapêutica descrita em outras modalidades, como por exemplo, no estudo de Edwards e Beck (2002), que consistiu na mensuração da massa corporal de idoso com Alzheimer, que em decorrência da patologia tende a emagrecer por conta da redução do alimento colocado no prato, desta forma a intervenção ocorreu no espaço de alimentação dos idosos em uma instituição asilar, onde em um local eles colocaram a figura de um oceano e em outro um aquário real. Os resultados foram a constatação que no grupo controle não houve diferença nas variáveis antes e depois da introdução da figura, e já no grupo experimental houve um aumento significativo entre as variáveis (massa corporal e peso da alimentação diária).

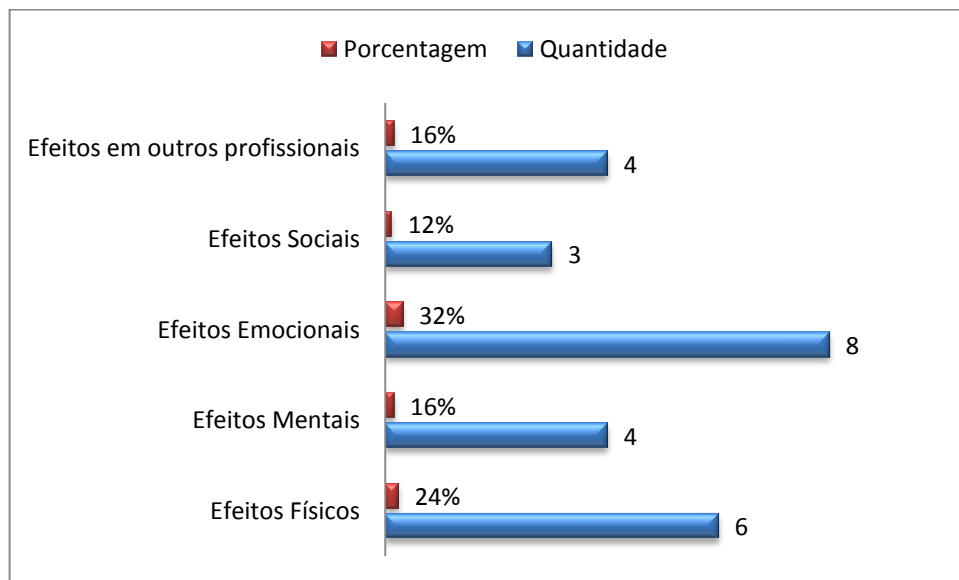
Em outro estudo, relativo a pessoas que sofreram ataques do coração, foi identificado uma sobrevida dos pacientes que tinham animais de estimação, sendo 89 pacientes que sofreram ataques do coração fizeram exames mensais durante um ano. No final de um ano, de 39 pessoas sem animais de estimação, 11 vieram a falecer. De 50 pessoas que tinham animais, só três faleceram. Portanto, os pacientes sem animais representavam um número menor da amostra e tiveram quase quatro vezes mais mortes. Apesar dos inúmeros testes, não se conseguiu estabelecer como os animais ajudaram seus proprietários, mas os pesquisadores

arriscam dizer que eles foram uma ferramenta de reabilitação para aqueles pacientes (FRIEDMANN et al., 1980).

Os três artigos que não referem sua intervenção são justificados da seguinte forma: dois são revisões de literatura e outro se trata de uma investigação a partir de prontuários hospitalares.

Finalmente, a partir do uso da TAA em diversas formas de intervenções clínicas, a literatura estudada mostrou uma variedade de resultados com a utilização desta técnica e apresenta no gráfico 11 uma síntese dos resultados obtidos a partir das intervenções.

**Gráfico 11** – Efeitos apresentados com o uso da TAA



Fonte: Pesquisa

Verificaram-se a partir da leitura dos estudos, as referências dos autores, com o uso da TAA nas diversas formas de intervenções clínicas nos diferentes ciclos de vida.

Nestes resultados os autores referem efeitos benéficos em diferentes aspectos, onde os emocionais (32%) mostram-se com dados significativos em relação aos efeitos restantes.

Algo relevante a considerar é que a quantificação desse gráfico resulta em uma totalidade diferente dos quinze artigos encontrados, isso se justifica porque em quase sua totalidade, os efeitos foram mais de um na mesma intervenção. Ou seja, a técnica não proporciona melhoras em somente um aspecto, ela se faz a partir de um conjunto de benefícios que atingem não só aos pacientes, mas também à equipe, como retrata os estudos

de Reed; Ferrer e Villegas (2012); Bussoti et al (2005); Kobayashi et al (2009) e Kawakami e Nakano (2003).

Desta forma, esses resultados se apresentaram em uma perspectiva de conhecimento acerca do método interventivo em que estão sendo registrados os trabalhos da TAA. Compreendeu-se que esse universo é vasto, e por isso, significativo em relação às suas possibilidades.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 6.1 Reflexões pessoais sobre o “ser animal”

*“Cães amam seus amigos e mordem seus inimigos, bem diferente das pessoas, que são incapazes de sentir amor puro e têm sempre que misturar amor e ódio em suas relações “(Sigmund Freud).*

Através de nossa história, o animal pode ser considerado como um companheiro de conquistas do ser humano, como em batalhas, meio de transporte, contribuição à ciência, entre diversos outros.

A relação que o homem estabelece com um animal nada mais é que a própria interação com a natureza, é como uma forma de ligação que se tem com o meio em que se vive, pois tanto o homem quanto o animal são ligados entre suas relações por laços sociais e essa conexão com o mundo, através dos bichos, tem um poder transformador.

Cabe dizer que essa relação não se refere somente aos animais de estimação e, portanto, também não diz respeito àquela relação que existe através de mimos e comportamentos consumistas.

Na relação com o animal se deve acima de tudo, respeitar sua natureza com maturidade, não incorporando marcas estéticas as quais se deseja, nesse caso aquelas que agrirem, a exemplo, o corte dos rabos, orelhas e garras. Se faz necessário que as pessoas enxerguem que cada animal têm suas características e necessidades próprias, o que os tornam únicos e belos à sua maneira.

Sendo assim, a relação aqui exposta tem muito mais a ver com a percepção do homem enquanto ser que convive harmoniosamente ou não, com outras espécies.

Com as mudanças que vêm ocorrendo ao longo do tempo no mundo, é visto que o homem tem percebido o animal em outras possibilidades, atribuindo a ele funções terapêuticas. Antigamente o animal fazia parte de uma convivência mais física e de trabalho, hoje ele ganha um espaço mais sutil e completo na vida do homem, com uma configuração diferente, onde pode ser visto como catalisador em tratamentos diversos.

Essa percepção não diz respeito somente a tratamentos terapêuticos formais, pessoas que convivem com animais sabem que o simples ato de afagá-lo causa uma sensação de conforto e bem-estar, e o cuidado de sua saúde e necessidades diárias, traz impressão de utilidade e o sentimento de fazer parte de um processo.



Mas cuidar de um animal vai além disso, o vínculo estabelecido com ele aguça níveis de sensibilidade, e há certos fenômenos que ocorrem nessa relação que a própria ciência não explica, no entanto, donos de animais consideram isso muito natural, pois a energia e o amor incondicional concedido por estes seres, realmente agem de forma terapêutica e até curativa em situações cotidianas, aliás, amar incondicionalmente parece ser uma tarefa mais fácil para certos tipos de animais do que para a grande maioria dos seres humanos.

Pessoas que partilham do privilégio de conviver com bichos sabem que mesmo em silêncio, eles são capazes de promover apoio emocional no dia-a-dia, e curiosamente quando o dono mais precisa de afeto.

Por vezes, as instituições, profissionais e a população geral podem não dar valor a infinidade de benefícios que os animais podem possibilitar, por considerarem inadequado, exagerado ou até mesmo por falta de maiores comprovações científica. Porém pode existir uma sensibilização de se colocar diante desses seres e reconhecer que representam nossa maior e talvez melhor aproximação com a natureza, eles poderiam ser vistos como parceiros de vida, que dividem o mesmo espaço e que em troca de respeito e cuidado, doam afeto, companheirismo, lealdade, amor e tantos outros sentimentos os quais proporcionam qualidade de vida e bem estar.

É esperado que em breve o trabalho com animais se faça mais presente nas práticas de saúde, e assim, haverá a certeza de que sua companhia oferece experiências positivas e inesquecíveis, afinal, os resultados se mostram não somente materiais, mas emocionais e espirituais. Além disso, espera-se que chegue o dia em que se verá por meio dos animais um mundo maior, havendo respeito e o considerando como um ser que ensina o homem a reforçar a consideração pela vida e o tornar melhor enquanto ser humano.

## 6.2 O animal como recurso terapêutico

O objetivo desse estudo foi de conhecer e difundir a Terapia Assistida por Animais, e, sobretudo, possibilitar a técnica enquanto recurso terapêutico nos aspectos clínicos da Terapia Ocupacional, contribuindo assim, para estudos no campo científico da profissão.

Para tanto, escolheu-se como metodologia a revisão bibliográfica devido a dificuldade de acesso às práticas de campo, pois elas ainda são pouco utilizadas, sobretudo no Distrito Federal. Portanto, toda a análise partiu de estudos já existentes, o que configurou em uma rica abrangência do tema.

Em relação à literatura, encontraram-se estudos relevantes, e nestes foi percebida a variedade de público e intervenções, o que demonstra ser uma técnica pertinente a várias áreas, porém nota-se ainda uma carência de estudos, ou melhor, uma escassez de publicações científicas, pois se observam estudos e registros não indexados ou outros trabalhos informais, que acabam por limitar o acervo científico.

Portanto, observou-se que para a introdução do animal como um recurso terapêutico se faz importante analisar alguns aspectos como:

- A fase do desenvolvimento que será atendido, ou seja, o ciclo de vida;
- Qual análise da atividade será utilizada como o recurso do animal, ou seja, será reabilitatória, de reinserção, de interação, ou apoio emocional;
- Como será o processo de uso do animal, ou seja, servirá para auxiliar uma função, como interação entre outros.

Algo importante a ressaltar foi que a análise da pesquisa permitiu a dissolução de um mito da autora onde se pensava que as publicações nacionais eram praticamente nulas, porém os dados mostraram que as publicações estão equiparadas às internacionais, o que denota que os autores estão se aprimorando e buscando registrar seus trabalhos no Brasil. E ainda que a tendência seja uma progressão temporal, pois houve um período considerável nos anos 2000 de trabalhos publicados, inclusive sendo um no ano passado.

Algumas pesquisas buscaram certo rigor, contudo há uma necessidade de um desenvolvimento melhor, pois um fator limitante na quantificação e análise foi a falta de dados metodológicos e procedimentos que foram adotados nos trabalhos.

Assim como na literatura, os estudos acadêmicos sobre a TAA no Brasil ainda são reduzidos, porém se tem visto o quanto são relevantes por apresentar a difusão da técnica como uma prática terapêutica validada em diferentes profissionais e instituições.

Outro aspecto relevante é o número considerável de reportagens que apontam os benefícios da relação do homem com animais, mas estes trabalhos não têm aplicação metodológica, e por isso é preciso que se desenvolvam estudos mais precisos e que possam ser publicados.

Embora haja um crescimento, no Brasil ainda há o que fazer, pois se torna necessária a divulgação da informação sobre a TAA com a nomenclatura correta e de forma responsável, envolvendo os diversos profissionais, até que se chegue às suas evidências científicas através de registros e relatórios sobre os resultados alcançados.

Desta forma, no campo da Terapia Ocupacional, a realidade é a mesma, há uma ausência de trabalhos publicados na área, sendo que ela é também pouco difundida. Como sugestão, talvez possa haver a inclusão do animal em assuntos disciplinares que tratam sobre recursos terapêuticos.

Quanto às peculiaridades da técnica, observa-se que os benefícios são inúmeros como:

1. Em intervenções específicas como visitas ou em sessões mais duradouras e semanais que possibilitam melhoras em diferentes aspectos;
2. Bem estar psicológico;
3. Envolvimento com os pacientes assistidos, familiares, voluntários e/ou profissionais;
4. Recurso terapêutico dinâmico;
5. Inserção social;
6. Estímulo de funções percepto motoras;
7. Melhora do estado de saúde geral;
8. Ação lúdico-terapêutica.

Portanto, o animal pode também atuar como um agente facilitador da relação terapeuta- paciente - animal, destacando a importância de saber escolher o animal certo para o público e intervenção que se irá adotar, e isso é possível traçando um plano terapêutico aliado a estudos clínicos do paciente em questão.

Dessa forma a tríade clínica (terapeuta – paciente – atividade), pode ser pensada como uma tríade dinâmica relacional, onde o animal ocupa o lugar da atividade, ou ainda é um quarto elemento, somado a atividade. Essa dinâmica relacional favorecerá desenvolver processos clínicos diversos.

Percebe-se então, que assim como em outros tratamentos, a relação profissional-paciente é um dos pontos mais importantes quando se programa um trabalho com a TAA, pois essa relação é permeada por expectativas mútuas, onde o paciente espera alívio ou até mesmo a cura, e o terapeuta busca reconhecimento e aprimoramento de suas experiências clínicas.

Sendo assim, a partir dessa aproximação entre o paciente e o profissional, por intermédio do animal, faz com que a TAA possibilite práticas de inserção do paciente em um contexto mais humanista e vivencial, proporcionando melhoras na autonomia do indivíduo nos aspectos físico, emocional, comportamental, social e ainda novas capacidades podem ser desenvolvidas, além do reconhecimento sobre si e o meio, e tudo isso colaborando para um bem-estar e qualidade de vida.

O profissional terapeuta ocupacional vivencia processos humanistas em praticamente todas suas ações interventivas, logo, possui os meios necessários para que seja possível a condução do tratamento com auxílio da TAA, destacando que esse trabalho se caracteriza de forma a complementar às demais modalidades terapêuticas e envolve outros profissionais de saúde, tornando o tratamento multi e interdisciplinar.

Apesar dos estudos indicarem maior necessidade de análise e investigações, todos são otimistas em relação aos benefícios da interação homem-animal. Por vezes, os estudos científicos não conseguem reproduzir com exatidão dados que são abstratos, por exemplo, pertinentes às expressões do ser humano e seu inconsciente, e aspectos como esse são observados na TAA, e por isso, há certa dificuldade em expor de fato tais benefícios, porém eles existem e são unânimes.

Deste modo, é possível afirmar que a Terapia Assistida por Animais aplicada nesse trabalho como um recurso terapêutico da Terapia Ocupacional se faz importante, pois ultrapassa os métodos padronizados já conhecidos no campo profissional e acadêmico, e se mostra como uma técnica inovadora e dinâmica, com um domínio aberto a novos estudos que irão enriquecer o cenário científico profissional.

## 7. REFERÊNCIAS

- ALTHAUSEN, S. **Adolescentes com síndrome de Down e cães: compreensão e possibilidades de intervenção.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- AMORIM, L. J. et al. **O cão como recurso terapêutico no atendimento a pacientes portadores de necessidades especiais.** Universidade Vale do Paraíba, 2003.
- \_\_\_\_\_. et al. **Valorizando a vida e cidadania através da terapia facilitada por cães.** In: III Seminário Internacional Sociedade Inclusiva - Ações Inclusivas de Sucesso, Belo Horizonte, 2004. p. 1-13.
- AOTA. **Occupational Therapy Practice.** Framework: Domain & Process. 2nd. *The American Journal Occupational Therapy.* Nov/Dec 2008, volume 63, n. 6. 625-683.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. Saúde e Lazer. **Uma mãe rebelde.** Cirlene Ornelas. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://abp.org.br/portal/clippingsis/exibClipping/?clipping=9350>>. Acesso em maio, 2013.
- BARKER, S. B.; DAWSON, K.S. **The effects of animal-assisted therapy on anxiety ratings of hospitalized psychiatric patients.** *Psychiatric Service*, v. 49, p. 797-801, 1998.
- BENETTON, M. J.; TEDESCO, S.; FERRARI, S. **Hábitos, cotidiano e Terapia Ocupacional.** *Revista do Ceto*, nº 8. São Paulo, 2003.
- BRAGA, U. S. **Filosofia Pragmática, Pragmática Sociológica e Direitos Humanos.** *Rev. Cantareira.* Rio de Janeiro. Vol. 4, 2009, p. 1-21.
- BUDGE, R. et al. **Health Correlates of Compatibility and Attachment in Human-Companion Animal Relationships.** Massey University. New Zealand. *Society Animal Journal*, Psyeta. Vol. 6 n. 3, 1998.
- BUSSOTI, E. A. et al; **Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro?** *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 39, n. 2, p. 195-201, 2005.
- CAMARA, F. P. **Vida e Obra de Nise da Silveira,** *Psiquiatria on line Brazil*, setembro, 2002.
- CANÍGLIA, M.; **Terapia Ocupacional: saúde praxica e pós-modernidade.** Belo Horizonte: Edições Cuatiara, 2000.
- CAPOTE, P.S.O.; **Terapia Assistida por Animais (TAA): aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual.** São Carlos: EdUFScar. 2011.
- CAVALCANTI, A.; GALVAO, C.; **Terapia Ocupacional: fundamentação & prática.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007.
- COFFITO. **Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional,** 2011. Disponível em: < <http://www.coffito.org.br> >. Acesso em: maio. 2012.

- CRESWELL, J.W. Uma Estrutura para Projeto. In: CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3ª.ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010. p. 21–39.
- DAVIS, S.J.M; VALLA, F.R. **Evidence for domestication of the dog 12,000 years ago in the Natufian of Israel**. *Nature*, v. 276, p. 608-610, 1978.
- DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G.Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001.
- DEMO, P. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- DOTTI, J. **Terapia & Animais**. São Paulo: Noética, 2005.
- EDWARDS, N. E.; BECK, A. M. **Animal-assisted therapy and nutrition in Alzheimer's disease**. *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n.6, p. 697-712, 2002.
- FRIEDMAN, E. et al; **Animal Companions and one-year survival of patients after discharge from a coronary care unit**. *Public Health Reports*, v. 95, p. 307-312, 1980.
- GEISLER, A. M. **Companion animals in palliative care: stories from the bedside**. *American Journal of Hospice e Palliative Medicine*, v. 21, n.4, p. 285-287, 2004.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas. 2002.
- GIRARDI, L.J.; QUADROS, O.J. **Filosofia**. Porto Alegre: Acadêmica, 1988.
- GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. In: *Revista de Administração de Empresas*. v.35. n.2. São Paulo: RAE, 1995.
- GULLAR, F. **Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1996.
- IMPELLUSO, L. **Dizionari Dell' Arte – La Natura e Isuoi Simboli – Piante, Fiori e Animali**. Milano – Itália – Mondari Electa S.p.A., 2003.
- KAWAKAMI, C. H.; NAKANO, C. K. **Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) - mais um recurso na comunicação paciente e enfermeiro**. *Nursing*, v.61, n.6, p. 25-29, 2003. (edição brasileira).
- KOBAYASHI, C. T. et al . **Desenvolvimento e implantação de Terapia Assistida por Animais em hospital universitário**. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 62, n. 4, Aug. 2009 .
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M.; **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- MARTIN, F.; FARNUM, F. J. **Animal-assited therapy for children with pervasive developmental disorders**. *Western Journal of Nursing Research*, v. 24, n. 6, p. 657-670, 2002.
- MARTINS, M. F. **Animais na Escola**. In: DOTTI, J. *Terapia e Animais*. São Paulo: Noética, 2005. 294p.

MEDEIROS, M. H. R. **Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social.** São Paulo: Hucitec, EdUFSCAR, 2003.

MELLO, L. C. **Os inumeráveis estados do ser.** Apresentação - 40 anos de terapêutica ocupacional. 1987.

ODENDAAL, J.S.J. **A physiological basis for animal-facilitated psychotherapy.** University of Pretoria, South Africa, 1999. Doctoral Dissertation.

PASSETTI, E. **Nise da Silveira, uma vida como obra de arte.** Festival Internacional de Teatro de S. José do Rio Preto, SP, julho de 2002. Disponível em: <<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/pdfs/passetti.pdf>>. Acesso em: março, 2013.

PEDRAL, C.; BASTOS, P. **Terapia Ocupacional - Metodologia e Prática.** Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2008.

RAVEIS, V.H.; MESAGNO, F.; KARUS, D. E.; GOREY, E. **Pet ownership as a protective factor supporting the emotional well-being of cancer patients and their family members.** *Final Report*, 1993.

REED, Reiley; FERRER, Lilian; VILLEGAS, Natalia. **Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas.** *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 3, jun. 2012 .

SANTOS, K. C. P.T. **Terapia Assistida por Animais: uma experiência além da ciência.** São Paulo: Paulinas, 2006.

SHELL, B. B. **Raciocínio Clínico: a base da prática.** In.: NEISTADT, M. E., CREPEAU, E. B. **Terapia Ocupacional – Willard & Spackman.** 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, p.80-90.

SCHREIBER, A. H.; Centro de Terapia Ocupacional. **Recursos Terapêuticos em TO.** Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/centrodeterapiaocupacional/recursos-terapeuticos-em-to>>. Acesso em: maio, 2012.

SHELDRAKE, R. **Cães sabem quando seus donos estão chegando.** Rio de Janeiro: objetiva, 2000.

SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente.** Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SOBO, E. J.; ENG, B.; KASSITY-KRICH, N. **Canine visitations (pet) therapy. Pilot data on decreases in child pain perception.** *Journal of Holistic Nursing*, v.24, p. 51-57, 2006.

SUCUPIRA, A. C. S. **Conhecendo a clínica da Terapia Ocupacional no serviço público do Distrito Federal.** 2012. 83f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília, Curso de Terapia Ocupacional, Brasília, 2012.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

T. C. D. **Companion Animals in Human Health.** London: Sage Publications, 1998.

VALENTINI, L. **O caminho fenomenológico do fazer:** transcendendo as lógicas, trabalho. São Paulo: Editora C.I., 1988.

WFOT, World Federation of Occupational Therapists. **Definições de Terapia Ocupacional.** Tradução Eliza Alair Baridoti et al. São Paulo, 2002.

WIKIQUOTE. Autores italianos. Felice Leonardo Buscaglia, jun. 2012. Disponível em: <[http://pt.wikiquote.org/wiki/Leo\\_Buscaglia](http://pt.wikiquote.org/wiki/Leo_Buscaglia)>. Acesso em maio, 2013.